

## **INTRODUÇÃO: Um breve relato da minha experiência com moradores de rua**

Iniciei meu trabalho com moradores de rua no ano de 2003. Graduando em Educação Física e sem experiência no atendimento ao público com trajetória de vida nas ruas, fui contratado pelo Programa Miguilim que, até os dias atuais, é o único programa voltado para o atendimento de adolescentes que moram nas ruas da cidade de Belo Horizonte e de sua região metropolitana, para trabalhar com esportes, jogos e brincadeiras.

Já nos primeiros dias percebi que a tarefa não seria fácil. O público, desconfiado com o educador “novato”, chegava no local e logo tratava de mostrar que antes de eu estar ali, já fazia parte do Miguilim. A maioria era formada por usuários de drogas. Vinham sujos, descalços, com roupas muitas vezes rasgadas, sob o efeito de *tíner*, quando não burlavam nossos olhares e usavam a droga dentro do próprio Miguilim Cultural. Às vezes agressivos, mas na maior parte do tempo procurando lanchar, conversar, brincar para “passar o tempo”. Os meninos vinham em maior número do que as meninas. Alguns sozinhos, outros em grupos. Faziam parte de uma “quebrada”<sup>1</sup> conhecida ou, às vezes, estavam “só de quebrada”<sup>2</sup>.

Trabalhar com esportes com este público é uma tarefa desafiadora devido às condições em que se apresentam para fazer a atividade, estando sob o efeito de drogas, sonolentos, descalços e famintos e também, devido ao reduzido número de adolescentes presentes no local de atendimento. Frequentemente tínhamos que improvisar quanto ao número de jogadores, às regras, à disposição do espaço, pois ter um grupo de 10 jovens dispostos a jogar futsal ou outro esporte, era algo raro.

Com os jogos e as brincadeiras era um pouco mais fácil. Essas modalidades necessitavam de um número menor de participantes e representavam a maior demanda apresentada pelo público. Jogos de mesa – dama, dominó, ludo - e peteca eram os mais demandados.

Com o passar do tempo, passei a conhecer as características deste público, a respeitá-los cada dia mais, a entender seus atos e compreender sua história de vida. Compreendi que entendê-los era algo essencial para trabalhar com eles. Sem esse conhecimento o esporte, os jogos e as brincadeiras não tinham sentido ou estavam deslocados em relação aos sujeitos atendidos e ao trabalho proposto e desenvolvido.

Algo me incomodava mais do que aos meus colegas educadores - a questão do cuidado com o corpo. Não sei se era porque nossos diálogos corporais se davam diariamente através de toques, empurrões, comemorações de gols, ou porque as atividades que eu propunha potencializavam o encontro dos sujeitos com o seu corpo. Havia um certo distanciamento do corpo,

---

<sup>1</sup> Local onde ficam e dormem em grupos, se abrigam da chuva e do frio.

<sup>2</sup> Estar “só de quebrada” é quando o jovem não quer dizer onde está ficando; não quer ser localizado, está só vadiando.

eles pareciam não querer vê-lo ou procuravam até mesmo negá-lo. Procurei entender essa relação, pois ficava incomodado frente ao alheamento deles face a feridas, machucados, e sujeira impregnada na pele. Pareciam querer cultivar uma casca para protegê-los de algo ou alguém imaginários.

Percebi que esses jovens cuidavam precariamente de seu corpo e de sua imagem corporal, com raras exceções, como nos dias de festa no Miguilim Cultural, quando se apresentavam arrumados, com cabelos penteados ou de bonés, tênis que pareciam guardados para ocasiões especiais e roupas mais limpas. Demonstravam gostar de estar arrumados, mas havia obstáculos que os impediam de estar assim a maior parte do tempo, obstáculos impostos pela vida na rua e também pelo desconhecimento dos equipamentos que prestam atendimento a este público e garantem condições para um melhor cuidado de si.

A partir desse incômodo, procurei entender como eu poderia, através da atividade física, ajudar os jovens a cuidarem melhor de si, a verem e compreenderem o seu próprio corpo, a gostarem de si mesmos e principalmente a melhorarem sua inserção social, pois entendo que esta inicia primeiramente através do corpo e da imagem corporal construída pelo sujeito, no meio social em que vive. Para isso, me matriculei no curso de pós-graduação da Universidade Gama Filho a fim de construir, junto com meu orientador e demais professores, esse conhecimento que irá subsidiar o meu trabalho como educador e o de muitos outros educadores que atuam em programas sociais que visam a inserção de jovens em situação de risco social.

## CAPÍTULO 1: A construção da pesquisa

### 1.1 Problematização

Pensar na ressocialização de moradores de forma ética e responsável significa admitir que se trata de um processo que passa necessariamente pela linguagem, pelas representações que eles têm de si mesmos, dos outros e da sociedade como um todo. Seus corpos indicam como eles são incluídos e excluídos na sociedade.

O aspecto físico, os hábitos de higiene, a coordenação motora, as roupas, a postura corporal e a gestualidade são fatores determinantes para a aceitação no grupo a que se dirige, seja a escola, o clube, a igreja, o shopping.

Para Ferreira (1999), trabalhar com moradores de rua a fim de que possam reorganizar suas vidas significa ajudá-los a forjar suas identidades, a se conhecerem melhor, a construírem imagens positivas de si mesmos, a desenvolverem sua auto-estima. Não se pode ignorar que dentes cariados não incomodam apenas na dor física – eles são também inibidores do sorriso; pele doente causa repúdio até mesmo entre eles; roupas sujas e rasgadas depauperam a própria imagem. Contando com tudo isso, que auto-estima se pode esperar nessas crianças e jovens? Daí porque uma imagem corporal positiva contribui para a auto-estima.

Situamos o presente trabalho na temática da imagem corporal construída e transformada nas relações cotidianas entre adolescentes moradores de rua da cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais. Alguns autores apontam para a influência do meio social na formação da imagem corporal (SCHILDER, 1980; TAVARES, 2003). Esse meio social agiria influenciado por um imaginário social construído principalmente pela mídia impressa e televisiva que, apesar dos esforços de alguns editores em tratar o problema dos moradores de rua com maior criticidade, por vezes, reproduz a ideologia dominante da sociedade, reforça preconceitos e exclui aqueles que não se enquadram na visão dominante da sociedade. Este público, quando ganha espaço na mídia, ocupa um lugar secundário na notícia, aparece carregado de estigmas, descrito por adjetivos negativos, tais como *sujos, violentos, pivetes, carentes, sozinhos, explorados*.

Partimos do problema de como os adolescentes moradores de rua se auto-representavam. Para buscar a resposta para este problema, iniciamos nossa investigação na rua, contexto no qual existem evidências de que a utilização do corpo para garantir a sobrevivência física e moral do sujeito é algo presente diariamente, muitas vezes demonstrada através da encenação de diversos papéis, que são utilizados de acordo com o momento e a situação vividos.

Focalizamos nosso olhar na direção das falas e das relações vividas pelos moradores de rua. Partimos do pressuposto de que utilizavam o discurso público para compor uma identidade provisória e que reproduziam as mesmas imagens vistas e percebidas socialmente, a fim de compor uma imagem corporal adequada a cada lugar e situação.

Ao escolher o universo da rua para investigar a questão da imagem corporal e das relações de poder, realizamos um duplo movimento. O primeiro diz respeito à nossa trajetória acadêmica na área da Educação Física, atuando como pesquisador do corpo, da imagem corporal e de questões relacionadas à temática de gênero. O segundo liga-se ao compromisso social, político, ético de contribuir para a compreensão dos fatores que dificultam a ressocialização de moradores de rua, cuja trajetória de vida é marcada por violentações e violências aos direitos humanos.

No início da pesquisa entrevistamos Nilda Teves Ferreira, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Gama Filho, idealizadora de um trabalho desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro, voltado para o atendimento de moradores de rua, através da garantia da medida de proteção (abrigo). Esta entrevista foi criticamente importante para a estruturação do estudo, pois elucidou várias questões referentes ao público pesquisado. Complementar a esse conhecimento acadêmico e prático, entrevistamos os educadores do Programa Miguilim, conhecedores do público, da dinâmica e da história de vida da maioria dos sujeitos que compõem a amostra desta pesquisa. Para verificar a aplicação do roteiro de entrevista que foi elaborado para a pesquisa, entrevistamos uma adolescente moradora de rua, aqui chamada de Kelly<sup>3</sup>, que contou um pouco de sua trajetória de vida nas ruas, e principalmente nos forneceu pistas sobre a aplicabilidade e objetividade do instrumento a ser utilizado, além de falar de sua vida e deixar clara, por diversas vezes, a sua opinião sobre as questões desta pesquisa.

A leitura de diversas obras relacionadas com adolescentes moradores de rua (DAMATTA, 1987; FERREIRA, 1979; RIZZINI, 1995; VARGAS, 2002), corpo, imagem corporal, gênero e relações de poder nos auxiliaram numa melhor estruturação do nosso instrumento de pesquisa e do estudo em questão. A participação no grupo de estudos Semiótica das Atividades Humanas, da Universidade Gama Filho, contribuiu para um maior entendimento da metodologia de Análise de Discurso Crítica (ADC), utilizada para analisar os discursos coletados.

O conhecimento prévio do público facilitou a coleta dos dados, pois, em se tratando de moradores de rua, é necessário conhecer um membro do grupo para se ter acesso às informações que se deseja coletar. Esta convivência pode ter um sentido ambíguo, pois ajuda na coleta dos dados, mas pode atrapalhar na interpretação dos mesmos, na medida em que entrevistador e

---

<sup>3</sup> Nome fictício.

entrevistado muitas vezes travam acordo de falas entre si, tornando mais difícil a análise dos dados. Para analisar os dados tentamos nos distanciar dos pré-conceitos e estereótipos, muitas vezes construídos no trabalho diário como educador e também como cidadão, a fim de procurar respostas dentro do conteúdo das entrevistas.

## **1.2 Objetivos do estudo**

Descrever a auto-representação de adolescentes moradores de rua de Belo Horizonte em Minas Gerais e analisar como esta auto-representação se manifesta nas relações do cotidiano.

## **1.3 Questões a investigar**

- Como adolescentes moradores de rua de Belo Horizonte em Minas Gerais têm utilizado o corpo para construir uma imagem que lhes garante a sobrevivência nas ruas;
- Como se estruturam as relações de poder nos grupos da rua;

## **1.4 Relevância do estudo**

Justificamos a importância deste estudo face à magnitude dos esforços do poder público e de iniciativas de grupos e organizações não-governamentais, e aos modestos resultados até agora obtidos, tornando-se urgente conhecer os mecanismos de (re)produção do problema de adolescentes morando nas ruas, a fim de produzir conhecimentos que possam orientar as políticas públicas dirigidas a ressocialização desse público e que privilegiam o esporte e as atividades corporais como linguagem para o acesso as representações que eles têm de si mesmos, dos outros e da sociedade como um todo.

Visamos também contribuir para que o debate sobre o assunto se renove, face a fenômenos como o trabalho infantil, que traz crianças para as ruas em busca de recursos para a sua sobrevivência e da sua família. Procuramos dar visibilidade ao público que mora na rua, evitando que seus problemas não sejam contemplados pelas políticas públicas.

## **1.5 Metodologia**

### **1.5.1 População e amostra**

A população deste estudo compõe-se de 06 adolescentes, – 01 do sexo masculino e 05 do sexo feminino -, que moram nas ruas de Belo Horizonte em Minas Gerais, escolhidos aleatoriamente. A maioria dos entrevistados já fez parte da “quebrada” da avenida Cristiano Machado, uma das principais avenidas da cidade e local onde a maior parte das observações em campo aconteceu.

### **1.5.2 Instrumentos**

As técnicas de pesquisa utilizadas foram a observação participante e a entrevista semi-estruturada. A observação participante, também denominada como observação ativa, caracteriza-se pela participação real do observador no cotidiano do grupo ou situação a ser observada. Esta observação possibilita ao pesquisador a vivência, participando do cotidiano dos grupos em estudo, observando as manifestações presentes na cultura material do grupo, bem como as reações psicológicas de seus membros, seu sistema de valores e seus mecanismos de adaptação (MICHALISZYN & TOMASINI, 2005).

A entrevista semi-estruturada foi formulada a partir de um roteiro básico de perguntas. Este tipo de entrevista tem como objetivo permitir ao entrevistador organizar-se, previamente, com questionamentos que serão utilizados para captar a fala dos entrevistados, mas que não devem seguir, necessariamente, o roteiro de perguntas. Novos questionamentos também podem surgir durante o andamento da entrevista, fazendo com que o pesquisador inclua algumas perguntas ao longo das gravações, provocando o entrevistado, suscitando esclarecimento às pistas e insinuações, facilitando a compreensão do fenômeno abordado.

Para a complementação da entrevista, contou-se com um diário de campo, que auxiliou no registro das descrições dos ambientes onde eram gravadas as entrevistas e a observação das relações dos adolescentes entre si dentro dos grupos na rua.

## **I – Identificação do Sujeito**

1. Qual o seu nome?
2. E a sua idade?
3. Você tem família?
4. Quem é a sua família?
5. Tem mais alguém da sua família que mora nas ruas? Veio junto de você?
6. Quem? Quantos?
7. Você tem (teve) filho(s)?

## **II – A vida antes e na rua**

8. Você já freqüentou alguma escola?
9. Até que série que você estudou? O que aconteceu que fez você parar de estudar?
10. Como era a sua vida antes de vir para as ruas?
11. Como é a sua vida agora nas ruas?
12. O que aconteceu que trouxe você para as ruas?
13. Há quanto tempo você está nas ruas?
14. Fale um pouco sobre os dias mais legais, os de mais medo, mais coragem, mais dificuldade.
15. E as drogas?
16. Você sabe como as pessoas chamam as meninas de rua? E os meninos?

## **III – As relações de Poder**

17. Você pertence a algum grupo na rua?
18. Tem alguém que comanda esse grupo?
19. O que ela(e) fez(faz) para comandar esse grupo?
20. O que é legal nela(e)?
21. Ela(e) trata as meninas igual ou diferente dos meninos?
22. No grupo é “todos por todos” ou “cada um por si”?
23. Tem alguma “lei” dentro grupo?
24. Já pensou em liderar esse ou algum grupo?

## **IV – Corpo e Imagem Corporal**

25. O que é ser bonita?
26. Para ficar bonita (ou ainda mais bonita) o que é preciso fazer?
27. Mudaria alguma coisa em você?
28. O que você mudaria em você?
29. E o que não mudaria? É o que mais gosta em você?
30. Já se sentiu feia? E o que fez (faz) você sentir-se feia?
31. Para quem você se arruma/mostra bonita?
32. E os meninos de rua são bonitos?

### 1.5.3 A análise de discurso

Trabalhamos com a metodologia da Análise de discurso crítica na perspectiva teórica apontada por Fairclough (2001; 2003) e Resende & Ramalho (2006).

A Análise de Discurso Crítica (ADC) é uma abordagem teórico-metodológica para o estudo da linguagem nas sociedades contemporâneas. Segundo Viviane M. Resende e Viviane Ramalho, há uma carência notável de obras introdutórias a respeito de ADC. Dada a complexidade da abordagem – transdisciplinar e multidisciplinar -, muitos(as) pesquisadores(as) sentem dificuldades quando iniciam suas leituras em ADC (RESENDE & RAMALHO, 2006, p. 7).

O termo “Análise de Discurso Crítica” foi cunhado pelo lingüista britânico Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster, em um artigo publicado em 1985 no periódico *Journal of Pragmatics*. Em termos de filiação disciplinar, pode-se afirmar que a ADC confere continuidade aos estudos convencionalmente referidos como Lingüística Crítica. A ADC consolidou-se como disciplina no início da década de 1990 (RESENDE & RAMALHO, 2006).

Fairclough (2001, p. 28) explica que a abordagem “crítica” implica, por um lado, mostrar conexões e causas que estão ocultas e, por outro lado, intervir socialmente para produzir mudanças que favoreçam àqueles(as) que possam se encontrar em situação de desvantagem.

Assim sendo, Fairclough (2001, p. 89) propõe a operacionalização de teorias sociais na análise de discurso lingüisticamente orientada, a fim de compor um quadro teórico-metodológico adequado à perspectiva crítica de linguagem como prática social.

O autor afirma que três tipos de significados são realizados nos discursos: o significado acional, o significado representacional e o significado identificacional. Estes três significados atuam simultaneamente em todo enunciado. Ele explica que o discurso figura de três maneiras como parte de práticas sociais, na relação entre os textos e eventos: como modos de agir, como modos de representar e como modos de ser.

Então, a análise de discurso deve ser simultaneamente a análise de como os três tipos de significados são realizados em traços lingüísticos dos textos e da conexão entre o evento social e práticas sociais, verificando-se quais gêneros, discursos e estilos são utilizados e como são articulados no texto (RESENDE & RAMALHO, 2006, p. 61).

#### 1.5.4 Coleta dos dados

As seis entrevistas aqui analisadas foram realizadas no período compreendido entre maio de 2006 e maio de 2007. O adolescente e as cinco adolescentes entrevistados são moradores de rua da cidade de Belo Horizonte, integrantes de “quebradas” distintas, mas todos freqüentadores do Programa Miguilim<sup>4</sup> - da Secretaria Municipal de Assistência Social da Prefeitura de Belo Horizonte.

Cinco entrevistas foram realizadas nos locais onde os jovens moravam. Duas entrevistas foram realizadas em um abrigo para adolescentes com trajetória de vida nas ruas, duas na “quebrada” da Cristiano Machado, uma na “quebrada” da Itambé e uma no Miguilim Cultural<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Programa que presta atendimento aos adolescentes moradores de rua de Belo Horizonte e sua região metropolitana, através de esportes, jogos, brincadeiras, atividades circenses, percussão, artes.

<sup>5</sup> Miguilim Cultural é um equipamento central que atende adolescentes moradores de rua através de atividades lúdicas (jogos e brincadeiras, esportes, circo, música, arte em miçanga). Está localizado no centro da cidade de Belo Horizonte.

## CAPÍTULO 2: Moradores de rua

### 2.1 A rua

O acadêmico João do Rio, em 1900, num contexto urbano menos tenso e denso do que o de hoje, afirmava que a *rua* era muito mais que um local de passagem, um alinhado de fachadas. Segundo ele, a rua tem alma. Esta alma, de alguma forma, é composta pelas várias almas dos transeuntes, observadores e moradores, que por ela circulam ou nela vivem.

A rua de hoje propicia o agrupamento de tipos idênticos, grupos de pessoas desconhecidas, que passam a compartilhar as roupas, a comida, a droga, o dinheiro. Pode se tornar o emblema desse grupo, dar pertencimento aos que a nada pertencem. Quando uma adolescente diz “sou da Cristiano Machado<sup>6</sup>”, “sou das Andradas<sup>7</sup>”, fala freqüente escutada por educadores sociais, entendemos que é difícil tirá-la daquele lugar. Ela se identifica com o local e direciona o trabalho das ações públicas e privadas, tornando-se ponto de abordagens da polícia, dos educadores e das Organizações sociais.

Este campo que nas crônicas de João do Rio era lugar de polícia, artistas, boêmios, de assistentes sociais e entidades religiosas, atrai agora pesquisadores, dando um novo significado a este espaço como também aos sujeitos que dele fazem o seu local de vida, sobrevivência e moradia. O espaço da rua chama a atenção, entre outras razões, pela rotatividade de sua população. O número de crianças que chegam na rua e que dela desaparecem caracteriza a rua como espaço que recebe e ao mesmo tempo expulsa a população que a utiliza, com diferentes motivações dentre as quais sobressai a sobrevivência.

Estar na rua implica correr riscos pessoais, físicos e psicológicos, na interação com outros atores da rua, que atinge a todos aqueles que a ocupam, não importando se crianças, adolescentes ou adultos. A organização destes sujeitos na rua, como forma de ação, de resistência e de defesa, decorre em parte da estratégia que utilizam para o enfrentamento dos desafios e das ameaças que vivenciam nesse espaço. Adolescentes que moram na rua aprendem desde cedo a não delatar os companheiros, a dividir os ganhos dos furtos, a droga, a comida, a obedecer aos mais fortes ou mais experientes. Uma das práticas mais temidas pelas adolescentes que moram na rua se refere à

---

<sup>6</sup> Cristiano Machado é o nome de uma importante avenida da cidade de Belo Horizonte.

<sup>7</sup> Nome de uma avenida da cidade de Belo Horizonte, conhecido ponto de moradia de adolescentes em situação de vida na rua.

“ronda”<sup>8</sup> (estupro coletivo) que se dá quando alguém (principalmente a adolescente) “vacila”<sup>9</sup> em algum ponto tido como importante na “cultura da rua”. Os rapazes também são “cobrados” quando vacilam, e a aceitação desta violência é uma condição na busca pela sobrevivência nas ruas.

O dinamismo, a aventura, o assistencialismo e a diversão que a rua oferece - citados pelos moradores de rua como fatores que colaboram para a permanência na rua - contrastam com o ambiente da casa e do bairro de onde se originam esses jovens, marcados principalmente por uma carência de recursos materiais e pela falta de estímulos e perspectivas de futuro.

A imagem da criança na rua, com os atributos de livre e solta, é uma imagem criada a partir de uma visão romântica da rua que não vê o “outro lado”, nem percebe que os mais fortes subjuguem os mais fracos, fazendo com que esses se tornem alvos de exploração e violências diversas. Apesar da violência, os adolescentes moradores de rua dificilmente se adaptam às regras dos abrigos ou mesmo da sua casa – não usar droga, não poder passear na hora que quiser, assumir responsabilidades, tais como, estudar, trabalhar -, preferindo permanecer na rua, lugar onde gozam de todos estes “prazeres”.

A rua é, portanto, o espaço da ilusão, mas não deixa de ser o espaço da busca, da luta, da resistência, convivendo e contrapondo-se constantemente à rua como espaço das misérias humanas e da dominação, do controle, da exploração (BULGARELLI, 1991, p. 5).

## **2.2 O começo do problema no Brasil**

A criança Brasileira é o legado de um país que foi construído, segundo Ribeiro (1979), “através da queima de milhões de índios e negros como carvão, durante séculos, em nome do sistema produtivo internacional”. Com isso, o problema da infância pobre do Brasil está longe de ser resolvido, pois o seu abandono está relacionado ao fracasso da família - que não pode e nem consegue se estruturar dentro do modelo nuclear, e que se organiza, de modo insatisfatório, dentro da ótica da sociedade harmônica -, e com a situação de miséria em que vive a maioria da população.

Diante das fragilidades, a própria família, que deveria atenuá-las, sendo imperfeita, não raro as agrava. E pode chegar a ser corruptora a ponto de conduzir o adolescente a práticas criminosas, às vezes desde a infância. Há, enfim os lares miseráveis, tumultuosos, conflituosos e insuportáveis, a estimularem pelo menos, as fugas dos filhos. (ABREU, 1995, p. 12).

---

<sup>8</sup> A “ronda” era uma prática observada nas ruas de Belo Horizonte no início da década de 90. Hoje, a violência sexual contra a adolescente continua acontecendo no interior dos grupos, mas isto não se constitui numa prática coletiva e sim individual, sendo o agressor muitas vezes punido pelos próprios companheiros.

<sup>9</sup> Segundo a fala de um adolescente morador de rua, é considerado “vacilo” cometido pelas adolescentes a traição do namorado, a perda de algum objeto deixado em seu poder (geralmente são elas que guardam o produto do furto) ou o fato delas “entregarem” alguma “parada” planejada ou praticada por eles.

Em pesquisa publicada por Almeida (1993), sobre a visão da família com relação à saída dos filhos para as ruas, a autora conclui que existe uma perplexidade por parte das mães diante de os filhos não se adaptarem à casa. As mães acham que o “problema” é das crianças e que são elas que não permanecem em casa, enquanto os outros filhos permanecem nesse espaço. Inicialmente, elas iam até as ruas para buscar os filhos, mas com o passar do tempo esperam que eles voltem para a casa por si mesmos, enfraquecendo cada vez mais os laços familiares existentes.

Esta mesma autora nos informa que dentre os motivos apontados pelos adolescentes para a saída para a rua, estão a desestrutura da casa e do bairro, fatores estes relacionados diretamente com a questão da miséria das camadas populares. Isto pode ser visto pela fala dos moradores de rua quando descrevem sua casa, destacando as faltas – de comida, os cortes de luz e água -, a ausência do pai ou da mãe, a miséria do bairro, preferindo viver na rua, local onde ainda conseguem suprir algumas destas necessidades.

A família é a principal fonte de transmissão da cultura, da educação, dos costumes e valores. É pensada como um grupo de pessoas aparentadas que vivem geralmente na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Para Prado (1981) esta família “nuclear” (tradicional, patriarcal) sempre teve como papel principal a procriação e a educação sob o olhar atento da Igreja e do Estado.

Os problemas comportamentais da família, que refletem sobre a criança, são inúmeros, a começar pelos pais. Com efeito, existem pais que projetam as frustrações sobre os filhos, ameaçando-os ou punindo-os. Tais ameaças e punições podem fazer com que a criança desenvolva um comportamento agressivo e anti-social, levando-a a se aproximar de outras crianças possuidoras do mesmo problema, podendo partir para a delinquência juvenil.

Quanto menores forem as crianças, maior o vínculo de interação com os pais e com o meio social em que vivem. Elas aprendem nesta fase de desenvolvimento algumas normas e valores que só serão confrontados após o seu amadurecimento. No caso das crianças de rua, é o grupo e a rua que irão incutir este mapa de valores definindo suas ações e atitudes.

O antropólogo Roberto DaMatta discutiu em seu livro “A casa e a rua” a polarização do espaço casa/rua. O autor explica que:

“... ser posto fora de casa significa algo violento, pois, se estamos expulsos de nossas casas, estamos privados de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipificam aquilo que chamamos de ‘amor’, ‘carinho’ e ‘consideração’...” (DAMATTA, 1987, p. 59).

DaMatta conclui que a saída do adolescente, pela primeira vez, constitui:

“Um ritual muito importante e altamente sombrio”, onde a criança estaria sujeita a “todos os perigos e tentações que recheiam aquele espaço” (1987, p. 64-65)

O grupo da rua surge de fato como alternativa à família, contrapondo-se à impotência desta. Pode-se pensar no grupo como uma instância alternativa de socialização, que cria suas próprias regras de conduta e seus próprios valores que, muitas vezes, entram em choque com o padrão de comportamento convencional.

Foi a partir da segunda metade da década de 1970 que os problemas relacionados às questões dos “adolescentes moradores de rua” passaram a ter crescente visibilidade social fazendo surgir vários estudos que se propunham tanto compreender o problema, como sugerir ações para a melhoria das condições em que se encontravam as crianças e adolescentes das camadas mais pobres da população dos grandes centros urbanos.

No ano de 1979 ocorreu a homologação do Código de Menores - Lei federal 6.697 - instituindo a definição: menor em situação irregular<sup>10</sup> substituindo o código de menores de 1927. O código procurava a integração do menor na sociedade.

O próprio ato de definir o menor em situação irregular poderia ser encarado como uma confirmação do estigma e da marginalização. Na palavra menor podiam ser lidas outras palavras, tais como “pivete”, “delinqüente”, “trombadinha”, “pixote”, enfim, classificações negativas e anti-sociais. Situação irregular significaria anormalidade, aberração, patologia, marginalidade (VARGAS, 2002, p. 149).

Na década de 1980 houve grande discussão e politização do campo, incentivada principalmente pela Pastoral do Menor e por profissionais que trabalhavam na garantia dos direitos dos menores. O uso do termo “meninos de rua” consolidou-se nessa década, embora identifique a sua origem em terminologia empregada em pesquisa publicada na época (FERREIRA, 1979). Foi nesta década também que a diferença entre meninos de rua e meninos na rua foi explicitada, a partir de pesquisas publicadas por esses setores e pesquisadores do assunto.

Através de uma pesquisa realizada por Alvim & Valadares (1988) pôde-se compreender que a maioria dos estudos e investigações realizadas sobre adolescentes moradores de rua, desde a década de 1960, estava marcada por uma intenção ideológica e militante, ficando muitas vezes afastada dos critérios de uma pesquisa científica.

---

<sup>10</sup> Segundo o artigo nº 2 desse Código, menor em situação irregular significa: “o menor privado de condições essenciais de subsistência, saúde e instrução obrigatória, representatividade e assistência em razão de falta, ação ou omissão manifesta dos pais ou responsáveis” (Código de Menores, Lei Federal 6.697, 10 de outubro de 1979).

Após a promulgação da constituição de 1988 - que trazia em seus artigos 227 e 228 a garantia dos cuidados e proteção aos menores de 18 anos, atribuídos principalmente à família, ao Estado e à sociedade - setores que lutavam pelos direitos dos menores, articularam-se os esforços de diversos segmentos da sociedade, discutiram-se e elaboraram-se leis, como a lei complementar, aprovada e publicada em 16 de julho de 1990 como lei federal nº 8.069, então denominada Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Dentre as principais modificações estava a concepção do menor que passava de “objeto de tutela” para “sujeito de direitos em situação especial de desenvolvimento”, provocando várias modificações no campo institucional, principalmente no campo jurídico, pois transfere muita autoridade para conselhos de direitos.

Os moradores de rua, após um considerável aumento da violência e vulnerabilidade e conseqüente visibilidade e sensibilização coletiva, possuem agora um nome, um lugar social, um conjunto de leis e instituições a lhes garantir algum tipo de benefício. A trama institucional criada a partir de e para os moradores de rua, revela um fator preocupante. Temos visto, muitas vezes, ações que ao invés de proporcionar o retorno a um convívio familiar e comunitário harmônicos, consolidam a permanência de crianças e adolescentes na rua.

No artigo “Da casa à rua: a cidade como fascínio e descaminho” de Vogel & Mello (1996), os autores pressupõem que a experiência na rua burla o direito à infância, direito este de permanecer sob os cuidados da família e à formação escolar, direito a gozar de um tempo para brincar e aprender.

### **2.3 Sexualidade e adolescentes moradores de rua**

A adolescência é o período de vida cada vez mais indefinido, marcada pelo final da infância e o início da vida adulta. Atualmente, é considerada um dos momentos mais importantes da vida do homem, por constituir uma fase de crescimento, rompimentos e novas descobertas.

O término da adolescência, mais do que o seu início, é difícil de ser determinado e obedece a uma série de fatores de natureza biológica, psicológica e sócio-cultural. Seu início é geralmente marcado pelo fator biológico: a primeira menstruação, nas adolescentes e a primeira ejaculação nos adolescentes.

#### *Aspectos biológicos da adolescência*

A puberdade, como a própria etimologia do termo sugere, inicia-se com o crescimento dos pêlos em certas regiões do corpo, tais como as axilas e a região pubiana, ocorrendo tanto nos

adolescentes como nas adolescentes, como resultado da ação hormonal. No período da puberdade, que corresponde ao componente orgânico da adolescência: “o indivíduo volta suas atenções para as mudanças do corpo e concentra suas energias nos processos psíquicos de perda do corpo infantil e de aceitação das novas formas do corpo (VITIELLO, 1994, p. 10).

Outros autores acrescem que a puberdade é a fase em que ocorre o despertar da sexualidade, fase na qual ocorrem modificações que transformam as crianças em indivíduos adultos (COSTA, 1986).

As alterações físicas, que ocorrem na adolescência, são o resultado da interação entre a genética do indivíduo e o meio ambiente em que vive. O início da puberdade, a altura, o tamanho das mamas, são exemplos da influência de fatores genéticos. Os fatores ambientais, principalmente o nível sócio-econômico, influenciam no crescimento e no desenvolvimento do adolescente à medida em que proporcionam ou não a satisfação das necessidades de saúde. O desenvolvimento físico do adolescente morador de rua fica prejudicado devido à falta de alimentação e higiene e estimulação mental adequada. Ao chegar à adolescência, o indivíduo traz consigo os efeitos da interação genético-ambiental presentes desde a concepção. Como a maioria desses jovens sofreu desde a infância pela falta dos cuidados básicos de atenção à saúde, na adolescência podemos perceber a deficiência no desenvolvimento dos seus potenciais.

#### *Aspectos psicológicos*

A adolescência é um complexo psicossocial que embora em uma base biológica caracteriza-se pelos seguintes itens, conforme sistematiza Osório (1992):

- a) redefinição da imagem corporal, decorrente da perda do corpo infantil e da conseqüente aquisição do corpo adulto (em particular dos caracteres sexuais secundários);
- b) busca do processo de separação/individualização e substituição do vínculo de dependência com os pais, da infância, por relações de autonomia plena;
- c) estabelecimento de uma escala de valores ou código de ética próprio;
- d) busca de identificação no grupo de iguais;
- e) aceitação dos ritos de iniciação como condição de ingresso no *status* adulto;
- f) assunção de funções e papéis sexuais auto-outorgados, independentes das expectativas familiares.

O indivíduo pode se tornar adulto sob os pontos de vista sexual e intelectual, e continuar criança sob os pontos de vista social e afetivo. Então, embora seja percebido e cobrado como se

fosse um adulto, ele pode manter-se criança socialmente, por várias razões, como ainda depender financeiramente dos pais, por ser menor de idade. Dessas contradições podem surgir conflitos que influenciarão nas relações com os outros e consigo mesmo.

O adolescente deve enfrentar o mundo dos adultos, para o qual não está preparado, e deve desprender-se de seu mundo infantil, no qual vivia, mais ou menos prazerosamente, em relação de dependência, com suas necessidades básicas satisfeitas e papéis claramente estabelecidos (AHMED, 1999).

Para os adolescentes moradores de rua, o conflito baseado na dependência dos pais não existe. Aprendem na rua a conseguir meios necessários para garantir a sua sobrevivência. Já o conflito relacionado à menor idade aparece como um grande desafio imposto a esses jovens. A transposição da menor idade, em direção ao mundo adulto, torna-se um momento difícil para a maioria, pois sabem que perderão os privilégios gozados enquanto adolescentes, o acesso a uma rede social criada para este público e principalmente, passarão a ser “julgados” na condição da maior idade.

Maakaroun (1991, p. 4) completa que ... “de forma universal, em nossa cultura, com intensidade maior ou menor para cada indivíduo e num tempo sempre pessoal, verifica-se que o adolescente, inicialmente, nega as transformações que estão ocorrendo; em seguida, vive a ambivalência entre o desejo de permanecer no estágio infantil (regressão) e a necessidade de continuar a sucessão normal do desenvolvimento (progressão); em outro momento, questiona a família e o mundo, rompe com vínculos e parte na busca de si, junto com outros que vivenciam o mesmo processo; às vezes, interioriza-se, isola-se, na tentativa de compreender seu momento evolutivo. Nestas ocasiões, avalia os ganhos e sofre profundamente as perdas. No final da adolescência, portanto, ocorre o inevitável: a sua aceitação como pessoa destinada a prosseguir na busca de si e de sua maturidade”.

### *Aspectos Sócio-culturais*

Um dos fatores que marcam a adolescência, em seu aspecto sócio-cultural, é o rompimento com a família e a inserção no grupo de iguais. Quando o adolescente se sente alienado da sociedade, fazer parte de um grupo com o qual se identifica representa uma forma de luta e conforto para ele. Não fazendo parte do mundo adulto, cria-se o grupo para representar o mundo adolescente.

Na adolescência, o grupo de amigos tem a função de facilitar a busca da identidade pessoal. Cada um pode ser ele mesmo mas se vê representado no outro. O grupo cria uma identidade social, através do estilo, das roupas, dos acessórios, do corte de cabelo, estilos musicais, do léxico, e das atitudes. O adolescente torna-se assim, codependente dos valores e julgamentos do grupo a que pertence.

A sexualidade aparece como um problema especial na adolescência. As famílias normalmente têm dificuldade em lidar com assuntos relacionados à sexualidade e, nos dias atuais, as escolas vêm procurando esclarecimentos básicos sobre o tema. Os adolescentes tiram suas dúvidas com o grupo, ou com seus próprios pares, que muitas vezes pouco sabem ou dispõem de informações errôneas (AHMED, 1999).

Quando refletimos sobre as práticas sociais, percebemos a influência de uma estrutura patriarcal em nossa sociedade pois, embora as diferenças entre os adolescentes e as adolescentes existam desde a infância, a importância das diferenças entre esses papéis só se torna visível na adolescência. Nessa fase, os indivíduos defrontam-se com um padrão duplo, ambíguo, de comportamento sexual tido como aceitável. Por vezes, o comportamento permitido, e até encorajado para os homens, é proibido para as mulheres (AHMED, 1999).

A observação informal sobre o desabrochar da sexualidade, indica que as reações masculinas e femininas são diferentes, a partir do início da maturação sexual. Essas diferenças são provavelmente influenciadas pelo papel social definido para o homem e mulher em nossa sociedade.

Constata-se que além das relações heterossexuais, a masturbação e as relações homossexuais são práticas sexuais comuns entre adolescentes. A manipulação dos genitais para a obtenção de prazer inicia-se, na adolescência, como forma de reconhecimento do novo corpo em mudança. A masturbação é um elemento importante para o autoconhecimento corporal e das sensações físicas que irão permear a vida sexual adulta (AHMED, 1999).

#### *Sexualidade entre adolescentes moradores de rua de Belo Horizonte.*

Os adolescentes informantes desta pesquisa mantiveram relações sexuais antes de completarem 14 anos. Esta iniciação relativamente precoce na vida sexual parece funcionar como um rito de passagem, entre o “ser criança” e o “ser adulto”. Para as adolescentes, fazer sexo com um integrante do grupo pode funcionar como o passaporte de entrada e garantia de permanência nesse grupo.

Nenhum informante se identificou como homossexual, apesar de nas falas de algumas adolescentes, estas admitirem que já “ficaram” com outras meninas. Não justificaram esta questão, mas sabemos de casos conhecidos de relações homossexuais femininas, em que uma das adolescentes garantia, de alguma forma, a proteção e a subsistência da outra.

O uso do preservativo não é uma prática comum nos grupos da rua. Adolescentes moradores de rua não usam preservativo, quer para evitar gravidez, quer para se proteger de doenças sexualmente transmissíveis. O acesso ao preservativo é algo fácil para esse público pois, na

cidade de Belo Horizonte, há programas sociais e postos de saúde que fazem a distribuição gratuita da camisinha para populações de rua.

Os rapazes trocam mais de parceiras do que as raparigas. A expectativa é que essas devam se preservar dentro do grupo e manter relações somente com o namorado. Houve um caso em que a adolescente mantinha relações sexuais com muitos parceiros do grupo e os próprios adolescentes proibiam suas namoradas de andarem com essa jovem. A reputação e o respeito reconhecido são valores importantes para adolescentes moradores de rua. Os rapazes querem se mostrar espertos e sexuais, distanciando-se da imagem de seres inocentes e infantis.

As raparigas não se subordinam somente à vontade dos rapazes e muitas vezes os seduzem para a manter relações sexuais com elas. A gravidez desejada também é uma prática que já foi vista nos grupos de rua de Belo Horizonte. Quatro das cinco informantes engravidaram, mas nenhuma gravidez chegou até o final. A gravidez é um evento que muda o *status* desses sujeitos que, passam, do status de “filho”, para o *status* de “pai” ou “mãe”.

A prostituição é um assunto que não foi falado em nenhuma entrevista. Mas através das observações em campo, soubemos de casos em que taxistas e “velhos”, - segundo a denominação dos adolescentes -, davam dinheiro para algumas adolescentes para que estas fizessem sexo com eles. Durante o acompanhamento do grupo da Cristiano Machado, soubemos de um caso em que um senhor levava algumas adolescentes para a casa dele e permitia que elas tomassem banho. Nenhuma delas comentou sobre o que faziam para gozar deste benefício, mesmo quando questionadas.

## **2.4 Os adolescentes moradores de rua em Belo Horizonte**

A existência de adolescentes morando na rua, associada com as condições econômicas e sociais do Brasil, pode ser interpretada como indicador de um processo de decomposição social da família. Com efeito, a deterioração do relacionamento no interior da família pode levar a criança e o adolescente a deixar sua casa e ir para a rua, comprometendo uma etapa fundamental para o seu desenvolvimento físico, mental e social. Este enfraquecimento das relações com a família pode surgir a partir da incorporação das relações estabelecidas nos grupos da rua. Quanto mais tempo se passa na rua, mais difícil fica o retorno para a casa.

A interação com a miséria, a realidade do abandono familiar, a falta de trabalho como fonte de subsistência, tudo isso pode levar adolescentes para a rua. Esse contingente se apropria do espaço urbano público e se afasta de instituições socializadoras, tais como a família, a escola e o abrigo, tornando-se um *outro*, deslocado, problemático, hábil usuário e conhecedor dos serviços da

rede de atendimento social, com estratégias para manipular seus diferentes atores para conseguir o que deseja.

Identificados por andarem sujos, descalços, drogados, temidos por suas atitudes e possuidores de um jargão específico, que lhes garante acesso a certos grupos e locais e os afasta de outros, os moradores de rua passam a suprir suas necessidades básicas utilizando a teatralização como estratégia de sobrevivência - são vítimas quando precisam parecer vítimas e agressores quando a coerção é o meio para conseguirem o que querem. Fazem teatro também por diversão - como uma fonte de prazer, um jogo de simulações. Essa teatralização, que pode ser observada na dinâmica de adolescentes moradores de rua, torna-os fortes, aptos a viverem na rua, lugar que apresenta situações diferentes a cada momento e implica a manipulação de soluções e estratégias na luta pela sobrevivência física e moral. Mas a teatralização não é privativa da rua; pode ser também observada em outras relações do cotidiano, através de outros atores sociais – políticos, professores, vendedores- , que dela se utilizam com o mesmo objetivo.

À medida em que se repetem tais situações e o adolescente já assimilou os gestos teatrais, apresenta-os com mais convicção e naturalidade. Vivendo na rua, acrescenta ou amadurece o repertório de representações que são utilizadas a cada momento, sem mesmo ter consciência disso. Goffman utiliza o termo “representação” para referir toda atividade de um indivíduo que passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre esses alguma influência (1996, p. 29). Entendemos *representações*, no sentido de Goffman, como as simulações desempenhadas pelos atores sociais, neste caso, adolescentes moradores de rua, frente a outros indivíduos, com o objetivo de conseguir o que desejam – dinheiro, comida e abrigo.

Os adolescentes adquirem seus gestos, falas, modo de vestir e andar, com seus pares, seja da comunidade de onde vieram ou do grupo com que convivem na rua, formado por integrantes que advêm da mesma realidade social. Quanto mais “solto”, “largado”, “folgado”, for o jovem, mais apto está para sobreviver na rua. Eles vivem geralmente em grupos, que se localizam em bairros próximos do centro da cidade, onde normalmente organizam suas “quebradas”<sup>11</sup> com cobertores e papelões. Deixam sujo o espaço onde dormem, causando problemas aos comerciantes, moradores e transeuntes locais. Também se apropriam de prédios, casas e lojas abandonadas. Poucos dormem na área mais central da cidade<sup>12</sup>.

Com o tempo, a maioria passa a roubar objetos como relógios, celulares e carteiras; a se envolver com o tráfico de drogas; a participar de arrombamentos; a cometer assaltos a mão armada.

---

<sup>11</sup> Local onde ficam, residem e dormem em grupos, onde se abrigam da chuva e do frio;

<sup>12</sup> A área central é uma área muito vigiada tanto pela polícia quanto por guardas municipais em Belo Horizonte.

O uso da droga também aumenta com o tempo, passando do *tíner* e cola de sapateiro para a maconha, o *crack* e a cocaína, passando muitas vezes do consumo para a venda.

Nossos informantes afirmam, reticentes, que só roubam quando não ganham o que pedem. A prática do roubo ou da prostituição é algo de que eles não gostam de falar; contudo, admitem o uso de droga, explicitando sua vontade de parar e dizendo que estão bem informados sobre o mal que as drogas causam. Entre os motivos que justificam o uso da droga estão o alívio da fome, do frio e do medo, mas sabemos que a “viagem” e os estímulos psicológicos e fisiológicos proporcionados pelo uso da droga, são fatores importantes que levam estes sujeitos ao uso contínuo de droga e também à não permanência em casa ou nos abrigos.

Para Abreu (1995), normalmente na adolescência ocorre uma sensibilidade normalmente maior às influências corruptoras criminais do meio. O tráfico de drogas – instituição que une a miséria e o crime - tem eliminado ou expulsado - várias crianças e adolescentes para as ruas, que não aceitam ser manipulados como mão de obra barata. Por isso vemos crescer nos últimos anos o aumento da criminalidade infanto-juvenil, que segundo alguns sociólogos, está relacionada também com o problema dos adolescentes moradores de rua.

A juventude não dura sequer um terço da vida média humana. Parece surpreendente que seja, no entanto, a fase de maior gravidade e peso na incidência penal. Alcançar suficientemente as razões desta evidência cria a possibilidade de, ao menos, se vislumbrar o melhor tratamento da séria questão da prevenção criminal, tão negligenciada entre nós (ABREU, 1995, p. 11).

A convivência com esses jovens nos permite afirmar que eles, mesmo em situação de vida na rua, continuam alimentando desejos e sonhos. Na rua, suas necessidades são supridas de forma concreta ou simbólica, marcadas pela submissão, pela violência e pela perversão das regras sociais.

## **2.5 O Programa Miguilim**

O tema, “moradores de rua”, é em toda parte objeto de preocupação, investimentos e políticas públicas. Em Belo Horizonte, o programa Miguilim foi criado em 1993, pertencente à Secretaria Municipal de Assistência Social, da Prefeitura de Belo Horizonte para atender às crianças e adolescentes com trajetória de vida nas ruas. Foi organizado visando a implementação das ações e políticas do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente -, buscando o retorno a uma vida de convivência social, familiar, cultural e escolar, ajudando estes sujeitos a construírem um outro

projeto de vida. Composto pelos serviços de abordagem de rua<sup>13</sup>, Miguilim Cultural, e de um pronto atendimento, que realiza o trabalho de despertar e/ou escutar as demandas individuais. O programa procura fazê-los refletir sobre sua história de vida e sua autonomia na construção de outras possibilidades.

A abordagem de rua trabalha com o objetivo de proteção, inclusão e promoção de crianças e adolescentes em situação de rua. É um trabalho marcado pela presença de técnicos formados em áreas diversas das ciências humanas, sociais e sociais aplicadas, o que possibilita um fluxo de saberes interdisciplinares. O Serviço de Abordagem de Rua contribui para a efetivação dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes em situação de risco na rua, por meio de ações de proteção e medidas sócio-educativas. Toma os destinatários do serviço como "sujeitos de direitos" - direito à liberdade, ao respeito e à dignidade, como pessoas humanas em processo de desenvolvimento.

Este serviço, por vezes, se mostra deficiente pela ausência de um maior número de técnicos, necessários para abordar as diversas áreas da cidade onde se encontram adolescentes moradores de rua. Com isso, cada dupla de técnicos fica responsável por abordar uma grande área. Além da falta de recursos humanos, o serviço sofre ainda por falta de recursos materiais, tais como vale transporte para o deslocamento, carro para o acompanhamento dos jovens ao Juizado da Infância e da Juventude e abrigos, computadores para o registro dos dados e capacitação profissional.

Os adolescentes abordados vivem em uma situação “especial”, no sentido de que não pertencem a nenhuma categoria convencional. Não têm acesso a praticamente nenhum direito básico (alimentação, saúde e educação) e muito menos às atividades culturais e esportivas. Dessa forma é fundamental que tenham um espaço para que possam acessar tais atividades, direito garantido pelo ECA:

A criança e o adolescente têm o direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. (ECA, artigo 71).

O Miguilim Cultural é um espaço pedagógico e de lazer que faz um contraponto à rua que, por ser um local onde a lei do mais forte e mais violento é a que prevalece, não permite muitas vezes, o contato com a ludicidade. O que os adolescentes consideram como brincadeira, apenas reforça essa dimensão violência: pegar traseira de ônibus; *surf* (em cima do ônibus); *pedar* – os

---

<sup>13</sup> Uma equipe de educadores que vão ao encontro das crianças e adolescentes, em vários pontos da cidade, para estabelecer e manter contatos, identificá-los e discutir as questões que estes trazem.

adolescentes põem bucinhas de *tíner* entre os dedos dos pés dos colegas que estão dormindo e colocam fogo \_; e *sair pra correria* - fazer pequenos furtos.

As atividades lúdicas do Miguilim têm como objetivo trabalhar a sensibilidade desses sujeitos, estimular a criatividade e despertar suas potencialidades. Através dessas atividades há um projeto de aproximação entre esses adolescentes e os educadores. Esta aproximação permite que se construa uma relação de confiança, assim, eles se sentem mais seguros para falar sobre a experiência pessoal em suas vidas, fazer contato com a família e contar os problemas que vivem na rua.

Os educadores têm a oportunidade de refletir, juntamente com os educandos, sobre as questões que estes colocam, e buscar possíveis soluções. As demandas de abrigo que os jovens trazem são discutidas afim de que possam se conscientizar da importância de se implicarem e se responsabilizarem por elas.

Hoje, o Miguilim Cultural sofre com precariedade de suas instalações e dos materiais disponíveis para o desenvolvimento do trabalho. A lona do circo já não existe mais, os materiais esportivos e artísticos são escassos, além de ser baixo o número de educadores para atender o público. Esse sucateamento do programa vem sendo denunciado por educadores e educandos, mas não causa nenhum eco dentro da Secretaria Municipal de Assistência Social, que insiste na utilização deste espaço para o atendimento de outros públicos, a exemplo dos trabalhadores infantis, justificando esta proposta com base em dados quantitativos, negligenciando a análise de dados qualitativos, que podem ser observados através das mudanças de postura destes jovens dentro e fora do Miguilim Cultural.

No ano de 2005, O Programa Miguilim atendeu a 2.558 crianças e adolescentes. Desses, 1827 estavam em situação de trabalho na rua, 543 em situação de vida na rua e 188 em outras situações de risco.

Dos 543 que estavam morando na rua, 422 foram atendidos pela abordagem de rua representando 20% do seu total de atendimentos. A abordagem de rua tem seu foco de trabalho voltado principalmente para a erradicação do trabalho infantil, que hoje representa 78% dos atendimentos no ano. O Miguilim Cultural atendeu no mesmo período 276 crianças e adolescentes, representando 65% do total de atendimentos, sendo este o principal público atendido. Nesse ano, as crianças e adolescentes com trajetória de vida nas ruas representaram 21% do total de crianças e adolescentes atendidos pela Gerência de Inserção Especial – GEINE - da Secretaria Municipal de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

No ano de 2006, foram atendidas 2.258 crianças e adolescentes. Destes, 1781 estavam em situação de trabalho na rua, 423 em situação de trajetória de vida na rua e 54 em outras situações de risco.

Das 423 crianças e adolescentes que estavam em trajetória de vida na rua, 187 foram atendidos pela abordagem de rua, representando 9,6% do total de atendimentos. O Miguilim cultural atendeu no mesmo período 45 crianças e adolescentes representando 48,91% do total de atendimentos e 191 crianças e adolescentes foram atendidas pelo Miguilim Cultural e também pela abordagem de rua.

Das 423 crianças e adolescentes com trajetória de vida nas ruas, 173 moram na rua, 149 fazem o movimento rua-abrigo e 61 o movimento rua-casa. O restante do público transita por estes espaços, estão acautelados ou não repassaram esta informação.

A maioria do público é procedente da cidade de Belo Horizonte somando 219 crianças e adolescentes advindas das diversas regiões da cidade, 84 são procedentes da região metropolitana de Belo Horizonte, seis do interior do Estado, quatro de outros Estados e 110 não repassaram esta informação.

Em Belo Horizonte a população infanto-juvenil que se encontra nas ruas é predominantemente do sexo masculino. A predominância do público por sexo foi de 104 meninas com trajetória de vida nas ruas representando aproximadamente 25% do total e 319 meninos representando aproximadamente 75% do total. Esta predominância masculina na rua se dá porque a família tenta de todas as formas reter a adolescente em casa, pois esta constitui parte da estratégia familiar de sobrevivência, na medida em que funciona como “dona de casa” no período em que os pais estão ausentes.

Todos os meses há uma média de 12 crianças ou adolescentes que são atendidos pela primeira vez pelo Programa Miguilim.

A idade das crianças e adolescentes que moram nas ruas é bem variada, sendo a adolescência, a fase em que mais observamos a permanência do público na rua. Na tabela abaixo podemos observar a faixa etária do público que vive nas ruas de Belo Horizonte:

Faixa etária	Trajetória de vida nas ruas	%
0 a 5 anos	13	3,1
6 a 11 anos	50	11,8
12 a 14 anos	127	30,0
15 a 17 anos	179	42,3
Acima de 18 anos	47	11,1
Sem informação	7	1,7
Total	423	100

A vida estudantil das crianças e adolescentes com trajetória de vida nas ruas é curta, confusa e com permanência descontínua. Demonstram querer, tentam, mas não dão conta de ficar na escola. Um dos motivos são as regras do espaço escolar que chocam com a liberdade de tempo e espaço vivida na rua.

A família da maioria dos adolescentes de rua é numerosa. A figura materna é bastante considerada, mesmo diante de posturas indesejadas, tais como, o acobertamento do tráfico de drogas, agressões físicas e alcoolismo. O pai, quando não é silenciado aparece como figura secundária na vida desses adolescentes e os irmãos, como lembranças.

## 2.6 O abrigo para os moradores de rua

O abrigo, para alguns jovens, foi uma espécie de ponte para a vida nas ruas. Algumas adolescentes foram abrigadas por medida de proteção, – pelo Juizado da Infância e da Juventude-, e acabaram conhecendo as adolescentes que já haviam morado na rua, saindo com estas para *dar rolés*<sup>14</sup>. Com isso experimentaram a liberdade e também as drogas. Mas o abrigo também é a primeira investida de ressocialização desse público, pois dá condições ao sujeito de se matricular em uma escola, de fazer tratamentos antidrogas, de reaproximação familiar, de convívio com regras e também um melhor cuidado com o corpo resultando na construção de uma imagem corporal positiva. Depois de certo tempo nas ruas, o abrigo, muitas vezes, é a primeira opção para sair da rua e iniciar uma vida nova, talvez porque este espaço está mais preparado para receber e entender estes sujeitos do que a casa de onde migraram.

<sup>14</sup> Dar rolé é sair para passear. É comum nos abrigos de Belo Horizonte, ter um dia para dar rolé, onde os jovens podem ir ao Miguilim Cultural participar das atividades ou em outros locais, com hora marcada para retornar.

## CAPÍTULO 3: Corpo e imagens corporais

### 3.1 O corpo

O corpo, como objeto de estudo de diferentes culturas e áreas disciplinares em diferentes momentos, obteve grande destaque no século XX, que foi apelidado o “século do corpo”. Segundo Stoer & Magalhães (2004), esta expressão “século do corpo” pode ser vista em duas dimensões: pela importância que o corpo assume enquanto objeto de estudo e pela assunção da consciência da importância dos valores e práticas corporais. O corpo conquistou, nesse século, um valor de estudo “em si”, que não se limitou a sua dimensão puramente funcional, mas também foi reconhecido como um objeto complexo e cheio de mistérios.

Visto como a “máquina suprema” que engloba e resume todas as outras, mas também limitado e tornado insuficiente para fazer frente às exigências que o cotidiano das sociedades industrializadas lhe exige (STOER & MAGALHÃES, 2004, p. 32-33).

Para superar essas insuficiências, a tecnologia foi adicionada ao corpo para potencializar suas funções e desempenhos, mas acabou provocando uma oposição do sujeito com o seu corpo.

A tendência da sociedade contemporânea é atribuir ao indivíduo a responsabilidade pela plasticidade do seu corpo. O modelo estético é apresentado e cabe a cada indivíduo alcançá-lo. O que se vê na mídia, através das revistas, das novelas, das vitrines dos programas de televisão, é o mapa para alcançar tal modelo, através dos regimes da lua, da água, das cores, dos novos cosméticos, da aplicação a laser para retirada de pêlos e gorduras. A era *Botox* chegou para pôr fim às rugas de homens e mulheres, tornando-os mais jovens do que são, fazendo surgir novas crises de identidade.

Vê-se aqui a ratificação das idéias de Michel Foucault (2003), em seu ensaio *O nascimento da clínica*, em que apresenta uma concepção *sócio-histórica do corpo* em que este se apresenta “totalmente influenciado pela história” e determinado pelos valores sociais e modo de organização econômica de cada sociedade.

Analisando esta perspectiva podemos afirmar que para Foucault a história do corpo é “construída” pelo meio exterior. O “espaço” para este autor é o lugar onde o corpo se localiza e é localizado. Nos termos de Stoer & Magalhães:

O corpo já não é o *locus* do pecado a perseguir nem a simples emanção de um determinismo social, mas sim o *locus* do desejo pluralizado e mesmo uma manifestação de autonomia. (STOER & MAGALHÃES, 2004, p. 36).

### 3.2 O corpo e a comunicação

Segundo Stoer & Magalhães (2004) a comunicação corporal possui quatro aspectos que a distinguem da comunicação verbal: em primeiro lugar, a característica de *precedência* da comunicação corporal. O corpo, nos seus movimentos, imobilidade, simetria, assimetria, silêncios, expressões e sinais, é a primeira forma de comunicação da criança com o meio social. Essa comunicação é anterior ao aparecimento da linguagem. Essa precedência dá ao corpo uma característica singular na sobrevivência e permite o estabelecimento de esquemas precoces de comunicação entre a criança e o seu meio social.

Um segundo aspecto a realçar é a *permanência* da comunicação corporal na comunicação humana. Mesmo depois do aprendizado da fala, o corpo continua a ser utilizado como meio de comunicação. A linguagem verbal pode ser intermitente, mas o corpo está sempre a emitir sinais que comunicam o seu interesse, desinteresse, cansaço, atenção, empatia e rejeição. Essa comunicação corporal apresenta, ainda, uma característica importante: em caso de incoerência entre a mensagem verbal e a comunicação não-verbal, os destinatários da comunicação tendem a dar mais importância à comunicação corporal do que à verbal.

Um terceiro aspecto distintivo da comunicação corporal é a *visibilidade*. A comunicação corporal tem um caráter de imediatez. O corpo não só está sempre a comunicar, mas a sua comunicação é de imediato emitida para os interlocutores. A visibilidade da comunicação corporal assume-se como um “cartão de visitas”, um conjunto de dados que permitem ao interlocutor fazer um juízo de valor, que nem sempre é coincidente e nem coerente com os valores que a pessoa pretende transmitir.

Finalmente, temos a *expressividade*. A comunicação corporal não é um mero suporte da comunicação verbal. O corpo é comunicação para além da linguagem verbal.

Moradores de rua são incluídos em grupos e deles excluídos, num primeiro momento, pela sua comunicação corporal. Antes mesmo que sua fala ou pedido atinja a sociedade, esta já se aproxima ou se afasta desses sujeitos, por andarem sujos, drogados, por possuírem gestualidade “inadequada”. Quando o diálogo é “permitido”, o corpo e a fala são confrontados pelo meio social e manipulados pelos moradores de rua, durante todo o tempo.

Maria Rita Kehl (2003), em seu artigo “as máquinas falantes”, observa que os corpos se modificam por efeito do que se diz sobre eles e do lugar social que se produz para eles, a partir de uma “rede de apoio” discursivo que faz apelo a um modo diferenciado de estar “dentro da própria pele”.

A imprensa tornou-se o “deus” responsável pela articulação do texto no corpo. Os textos escritos servem para modelar os corpos e, por vezes, para discipliná-los. Trata-se de ditar receitas capazes de produzir mudanças realizadas no corpo a fim de manter o padrão estético vigente, as posturas “ditas” corretas, a maneira de andar, de comer, de vestir. Se os corpos não existem fora da linguagem, as práticas da linguagem determinam a aparência, a expressividade, a saúde, a inclusão e exclusão dos corpos.

O imaginário do “corpo belo”, divulgado pela mídia através das imagens de corpos bonitos, *sarados*, sensuais, eróticos, faz com que ocorra uma erotização dos corpos, mesmo os das classes excluídas, que têm acesso a tais imagens pelo simples perambular pelas ruas, pelas imagens dos transeuntes e dos *outdoors* espalhados pela cidade.

Hoje, os corpos dos moradores de rua, apesar da fome e da privação são corpos belos, erotizados. Ostentam um certo orgulho da cor, um ar desafiador amparado pela força, agilidade e versatilidade.

Temos evidência de que essa mudança é apenas estética. A experiência do Eu que se reconhece em um corpo sem valor social é radicalmente diferente daquela de quem se representa, para o outro, como tendo valor. Estes corpos não são independentes da rede discursiva em que estão inseridos, como não são independentes da rede de trocas – trocas de olhares, de gestos, de palavras – que são estabelecidas.

### **3.3 O corpo na rua**

A vida na rua está inscrita no corpo. Para a admissão de um novo elemento ao bando, é na superfície do corpo que as provas de esperteza e de tolerância à dor são realizadas. Ao bando cabe selecionar os elementos que, numa situação de conflito ou de pressão policial, não se constituam em delatores. Dessa forma, um dos “rituais de entrada” no bando é a medida de tolerância à dor do candidato. Este deve oferecer suas mãos a um membro do bando que irá esfregá-la, até ferir, observando se o candidato suporta silenciosamente a tortura. A maior tolerância lhe confere um lugar de destaque no bando. Este é um dentre muitos rituais.

A dimensão e quantidade das marcas e cicatrizes, o estágio de impregnação pela sujeira, indicam o tempo de rua e, portanto, o grau de “adaptação” e conhecimento da rua, o que faz com que o sujeito adquira um certo “respeito” no bando e com os rivais.

As quedas constantes de traseiras de ônibus, muitas vezes provocadas pela imprudência desses sujeitos – malabarismos com o ônibus em movimento – ou pela intransigência dos

motoristas, ferem constantemente o corpo. As queimaduras são freqüentes, sobretudo no inverno, provocadas pelas fogueiras, para resistir ao frio; não é raro, enquanto dormem, serem cobertos, por outros moradores da rua, com pedaços de plásticos, onde alguém atea fogo, causando queimaduras graves. Os atos de punição, quando alguém “pisa na bola” ou “traí o companheiro ou o bando”, são inscritos no corpo através de facadas, pauladas, pedradas e outros artifícios de maldade. Também são evidentes os resquícios de torturas policiais ou das brigas com os iguais. Furar o corpo do outro ou ter o seu furado em decorrência de facadas ou cortes com *gargalos*<sup>15</sup> de garrafa é fato muito presente entre eles.

### 3.4 Corpo e estigmas

Para tratar o preconceito sobre moradores de rua, suas origens, suas manutenções e principalmente a manipulação que estigmatizados e estigmatizadores realizam durante seus encontros na sociedade, tomamos como referência a obra *Estigma* de Goffman, que assim se expressa:

O termo *estigma* refere-se a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava (GOFFMAN, 1988, p. 11).

Segundo Goffman (1988) é a sociedade quem estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos percebidos nele nos permitem prever a que categoria ele pertence e quais os atributos que possui que o fizeram pertencer a esta categoria, definindo assim a sua “identidade social”.

Mas esta “identidade social” é uma “identidade social virtual” (p. 12), ou seja, sua “identidade social real” só será conhecida quando o indivíduo provar que possui os atributos que deixou transparecer que possuía, e só assim será confirmada sua inserção na categoria estabelecida para ele.

Mesmo depois de categorizado pelo grupo, um indivíduo pode ser excluído de uma categoria inicialmente estabelecida para fazer parte de outra, devido às evidências de possuir atributos que lhe conferem maior ou menor prestígio e identificação com o subgrupo.

---

<sup>15</sup> Cacos de vidro que são usados como arma;

No caso dos moradores de rua, uma das características que definem seu estigma é a sua condição de vida nas ruas, local considerado como inadequado para o desenvolvimento do corpo saudável e limpo, do bom caráter, da boa índole. Então aqueles que fazem uso desse espaço em certas horas da noite, ou nele residem, são vistos como pessoas de caráter duvidoso, do qual se deve afastar, a quem se deve evitar e mesmo temer.

O termo *estigma*, portanto, é usado aqui, na acepção do autor já citado, em referência a um atributo profundamente depreciativo (GOFFMAN, 1988, p. 13). Morar na rua, em uma sociedade que valoriza a casa como o lugar do amor, da educação, é considerado um atributo depreciativo. Estar sujo, com roupa rasgada, esmolar, roubar, prostituir-se, usar drogas, são atributos derivados da condição de habitar nesse lugar vicioso. Não importa se o morador de rua rouba ou não, se mora na rua, o estigma de “ladrão” e de “ladra” já repousa sobre o seu caráter.

A utilização da palavra *estigma* oculta uma dupla perspectiva: assume para o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles. No primeiro caso, está-se lidando com a condição do *desacreditado*, no segundo com a do *desacreditável* (GOFFMAN, 1988). O cego, o deficiente físico, os moradores de rua são exemplos de pessoas desacreditadas; o doente mental, os ex-detentos e os adolescentes ex-moradores de rua que ora moram em abrigo são exemplos de pessoas desacreditáveis.

A característica central da situação de vida do indivíduo estigmatizado pode ser então explicitada. Sua luta tem como objetivo a sua “aceitação”. Onde tal conserto é possível, o que freqüentemente ocorre não é a aquisição de um *status* completamente normal, mas uma transformação do *ego*: alguém que tinha um defeito particular se transforma em alguém que tem provas de tê-lo corrigido (GOFFMAN, 1988).

Goffman (1988) menciona três tipos de estigma nitidamente diferentes. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família ou grupo maior.

A convivência com indivíduos estigmatizados, bem como a proximidade estabelecida não reduzem necessariamente o menosprezo sentido, e o preconceito pode ser mantido com facilidade. Nos grupos da rua os próprios colegas não escondem seus preconceitos para com os demais, se

esses forem possuidores de deficiências físicas, de queimaduras ou homossexuais, atribuindo a esses, apelidos depreciativos que causam risos no grupo e constrangimento no indivíduo. Em nossa convivência com moradores de rua, conhecemos um jovem que nos disse que usava bermudas grandes para esconder uma grande queimadura que possui em uma das coxas. Ele diz que deseja realizar uma cirurgia plástica para retirar esta queimadura, na tentativa de livrar-se do apelido de “queimadinho”. Essa vergonha surge quando um indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é indesejado e pode imaginar-se como um não-portador dele.

Há estigmas críticos, como prostituta, homossexual, mendigo e viciado em drogas, que exigem que o indivíduo seja cuidadosamente reservado com relação a seu defeito, com uma classe de pessoas, como a *polícia*, por exemplo, e ao mesmo tempo, se exponha a outras classes, tais como, *clientes, cúmplices, contatos, receptadores de objetos roubados*.

A questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais, e sim, da manipulação de informação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde (GOFFMAN, 1988, p. 51)

Três símbolos são eficientes para fornecer informações sobre os indivíduos: *Símbolos de estigma* são signos eficientes para despertar a atenção sobre uma diferença entre um e os outros membros de uma sociedade, causando uma redução na valorização do indivíduo. *Símbolos de prestígio* são aqueles que em vez de provocar redução na valorização proporcionam um aumento na valorização dos indivíduos. E os *desidentificadores* são os símbolos utilizados para lançar dúvidas sobre a validade das informações percebidas, e são manipulados pelo próprio sujeito durante um contato misto (GOFFMAN, 1988).

### **3.5 Imagens corporais**

Entende-se por imagem corporal, para os efeitos deste trabalho, a maneira como vemos mentalmente nosso corpo, como o representamos. Engloba todas as formas pelas quais um indivíduo experiencia e conceitua o seu próprio corpo. A imagem corporal deve ser compreendida como um fenômeno singular estruturado no contexto da experiência existencial e individual do ser humano, em um universo de inter-relações entre imagens corporais.

Segundo Stoer & Magalhães (2004), mais recentemente, tem sido usado o termo “imagens corporais”, designação que procura precisar que não existe uma imagem corporal única e constante

em todos os momentos, mas que, dependendo de vários fatores, poderemos constatar a existência de diferentes imagens.

A imagem corporal possui este aspecto dinâmico, ou seja, uma mutabilidade de acordo com o meio social em que se está inserido e com as situações vivenciadas. Apesar desta característica dinâmica, a imagem corporal possui também um caráter constante que possibilita ao indivíduo se reconhecer em diversos momentos e contextos de sua vida.

A imagem ultrapassa os limites do corpo. Uma bengala, um chapéu, qualquer tipo de roupa torna-se parte da imagem corporal. Quanto mais íntima for a ligação do corpo com o objeto, mais facilmente este se torna parte da imagem corporal. (SCHILDER, 1980, p. 185).

A imagem corporal está portanto fundamentada na história de vida do sujeito e nas relações com os seus semelhantes. O desenvolvimento da imagem corporal está vinculado a fatores biológicos, culturais, afetivos e ambientais.

Existe, em termos psicológicos, uma forte ligação entre as imagens corporais e a forma como o indivíduo se avalia e se percebe em geral. As imagens corporais que o indivíduo tem de si mesmo são influenciadas pelo meio social. Suas ações não se dissociam do que vê, lembra, sente, acredita e pensa (STOER & MAGALHÃES, 2004).

A necessidade de atender à ordem social obscurece a necessidade individual do sujeito. Aderimos a esta ordem social através de castigos (desprezos, críticas) e gratificações (dinheiro, poder, admiração). Os ganhos secundários podem fazer com que se perca o contato com o corpo real. Este corpo real possui identidade singular e é sempre um corpo humano existindo em seu aspecto fisiológico, afetivo e social (TAVARES, 2003).

Os adolescentes moradores de rua sabem que para serem aceitos socialmente devem mudar sua maneira de vestir, de conversar, seu modo de vida, mas demonstram, certa resistência a estes padrões. Sabem que o modelo do “playboy” e da “patricinha” são os padrões aceitos, e pela percepção de sua distância desses “modelos”, atacam frequentemente através de falas ou ações reais tais sujeitos, numa tentativa de se afastar ainda mais (negação) ou de se aproximar desse modelo (roubando suas roupas e acessórios).

Refletindo sobre a temática da imagem corporal podemos perceber como é profunda e complexa a relação entre a imagem corporal, o corpo, as representações mentais, a identidade corporal, a cultura, os estímulos e a contextualização de tudo isso no tempo e no espaço e fica também evidente que a imagem corporal é vivência individual e dinâmica (TAVARES, 2003).

Segundo Tavares (2003), a compreensão do conceito de imagem corporal está ligada à compreensão do significado dos termos corpo e imagem. A percepção do corpo existe de forma concreta, mas não pode ser descrita de forma objetiva. A imagem corporal está ligada à vivência afetiva do nosso próprio corpo.

### **3.6 A formação da imagem corporal**

A imagem do corpo inclui diversos fatores que vão além da aparência externa. Esta imagem pode ser formada a partir de representações trazidas da memória, da imaginação, do desejo, ou por sensações e pensamentos do presente. Segundo Damásio (1996), é principalmente através de imagens que constantemente apreendemos informações sobre o meio e sobre o corpo. Formamos imagens visuais, imagens sonoras, imagens olfativas, imagens de palavras, de ações, e de esquemas relacionais. Estas imagens são dinâmicas e podem sofrer mudanças em sua forma cada vez que são representadas, ganhando ou perdendo componentes.

Cada vez que criamos uma imagem, seja perceptiva (sensações do presente) ou evocada (lembranças), fará parte de sua construção o significado que esta imagem tem para nós. Assim, cada vez que imaginamos algo, criamos a imagem no presente, dando-lhe a nossa interpretação atual do fato. Nossas imagens vão se modificando junto com as nossas vivências.

Temos assim que as imagens são criadas e recriadas a cada vez que percebemos algo, recordamos ou ainda fazemos planos para o futuro. São construções momentâneas que fazemos a partir da ativação sincrônica de diversos padrões de disparo neural, ligados tanto à percepção, quanto à memória e ao raciocínio. A formação de uma imagem será diferente cada vez, de acordo com as diferentes interpretações e significados que damos às situações, modificados pela nossa experiência e pelas diferentes circunstâncias que vivenciamos (SCHILDER, 1980).

Para o autor é no processo de desenvolvimento que imagens são construídas, destruídas e reconstruídas a partir da interação do indivíduo com o mundo que lhe é apresentado. O referencial é o mundo, a bússola que orienta e que permite a autoconstrução e a autodestruição constante da imagem corporal, num mecanismo de diferenciação e integração.

Os olhos são órgãos muito especiais no que se refere ao contato com o mundo. Através da experiência visual o mundo adentra o Eu, imagens são então introjetadas, experienciadas e assimiladas, e começam a fazer parte do repertório de interação do indivíduo. A função dos olhos enquanto orifício simbólico permite pensar na idéia de que as imagens partem dos objetos para entrar nos nossos olhos.

Ao olhar o corpo do outro, o indivíduo produz sensações e sentimentos a partir da formação do seu próprio corpo. Este contato visual provoca sentimentos e reações naquele que observa e naquele que é observado. O eu-corporal vai sendo montado e remontado de acordo com a rede de trocas de olhares em que está inserido. A proximidade ou distância dos aspectos corporais produzirá sentimentos e respostas de aceitação, rejeição, amor e ódio. Ao mesmo tempo em que se julga, se é julgado.

O outro, ao descrever a imagem corporal por ele percebida, qualifica, expressa sua percepção através de uma série de adjetivações. Classifica o corpo “bom” e o corpo “ruim”, a imagem corporal “boa” e a imagem corporal “ruim”. A imagem boa *incorporaria* tanto o sentido anátomo-fisiológico de perfeição, ou seja, a ausência de deficiências físicas e de funcionamento do corpo, quanto o sentido cultural do que é uma imagem corporal ideal, ou seja, formato, textura de pele e cabelos, magreza, rigidez e beleza (NEVES, 2000, p. 35-36).

Adolescentes moradores de rua, diante do distanciamento e desprezo das pessoas a sua volta, podem criar um mecanismo de negação através do reforço da sua imagem corporal – sentir-se bonito ou bonita é uma forma de reforço, haja vista que na sociedade poucos os vêem desta forma - para combater o padrão de corpo socialmente aceito e esperado. Trata-se de uma forma de luta diante a opressão imposta aos corpos.

Mas outra situação pode acontecer, que é a identificação com as imagens corporais do outro. As roupas, os adereços, os cabelos, os cheiros, podem se tornar o modelo a ser copiado, vislumbrando uma mudança na imagem corporal rumo à aceitação social. Entrar nesta guerra de imagens corporais é algo difícil para aqueles que vivem à margem de uma sociedade que vê no corpo limpo, jovem, saudável, com formas bem definidas, o seu padrão ideal de socialização.

A presença de padrões de beleza socialmente definidos e aceitos determina critérios para uma maior adequação da imagem corporal. Dessa forma, vê-se estabelecido o tamanho, o formato, a rigidez, a textura, ideal para cada parte do corpo, erigindo, portanto, um modelo de um corpo considerado ideal (NEVES, 2000, p. 42).

Ao mudar o corpo muda-se também a identidade. Diante da formação de uma nova imagem corporal, surge o questionamento do sujeito sobre sua existência, e novos aspectos dessa imagem corporal se traduzem em novas formas de identificação.

### **3.6.1 Aspectos sociais de imagens corporais.**

As experiências visuais que levam à construção da imagem corporal pessoal levam, ao mesmo tempo, à construção da imagem corporal dos outros. Quando possuímos um “defeito”, vemos nosso defeito a partir da identificação da ausência deste “defeito” no corpo do outro. O corpo é descoberto através das palavras e das observações dos “outros”. Deve-se notar que o interesse pelos outros e por si próprio correm, de certo modo, paralelamente.

As impressões visuais relativas a nosso corpo, que são tão importantes para a formação da imagem corporal, não diferem muito das impressões visuais que temos dos corpos dos outros.

A imagem corporal não é um produto da apropriação dos corpos alheios, apesar de podermos incorporar partes de imagens corporais de outras pessoas a nosso modelo postural. A imagem corporal também não é obtida através da identificação com as imagens corporais alheias, apesar de podermos enriquecer nossa percepção da imagem corporal com tais identificações. (SCHILDER, 1980, p. 204)

Há relação entre todas as imagens corporais. A distância social entre os corpos influencia nesta relação. Certamente o corpo muito distanciado oferece menos possibilidades de relacionamento e a proximidade espacial aumenta a possibilidade de inter-relação das imagens corporais e, além de outros aspectos, o contato entre dois corpos pode fornecer maior possibilidade de combinação das imagens corporais. A distância social está relacionada, em parte, ao desejo de um indivíduo com relação à proximidade do corpo do outro.

Ao imitar o modo de vestir de adolescentes que passam pela rua, os moradores de rua mostram que se apropriaram anteriormente dos seus sentimentos e desejos. Esta ação de incorporação de personalidades e imagens corporais alheias pode estar relacionada a um desejo de ser livrar da própria personalidade e imagem corporal, projetando-se assim nos outros, que são aceitos e socializados.

Portanto, não devemos subestimar a importância da beleza e da feiúra reais na vida humana. A beleza pode ser uma promessa de satisfação completa ou levar a tal satisfação. A própria beleza ou feiúra de um indivíduo não contará apenas para a imagem que terá de si mesmo, mas, também, para a que os outros constroem a seu respeito, e que este tomará de volta. Certamente, a beleza e a feiúra não são fenômenos do indivíduo isolado, mas fenômenos sociais da maior importância.

### **3.7 O corpo como lugar dos processos de inclusão e exclusão social**

Existem diferentes fatores de inclusão e exclusão social do corpo. Uns podem ser, em grande parte, desencadeados e controlados pelas pessoas, tais como o vestuário, o cuidado com o corpo, a impressão de identidades corporais como os *piercings* e as tatuagens. Outros dizem respeito a condições dificilmente alteráveis, tais como a deficiência física e a idade. Em ambos os fatores o corpo pode ser visto como um sinal de pertença e de identidade assumido na aceitação, e conseqüente recusa, de certos valores sociais (STOER & MAGALHÃES, 2004).

Através da aparência corporal, o corpo cumpre a função ideológica de classificação (NEVES, 2000, p. 7).

A proliferação de tecnologias de manipulação da imagem corporal aliada à propagação constante de padrões de beleza e bens de consumo via mídia faz com que o indivíduo tenha, a sua disposição, a plasticidade do corpo, peculiar do século XX. Dessa forma, uma pluralidade de desejos com relação à imagem corporal se instaura, colocando o corpo em evidência (NEVES, 2000).

Parafraseando Le Breton (2003): “nossa existência é primeiramente corporal”, pois a partir dos sentidos se pode apreender o mundo que nos cerca e atribuir-lhe significado. Portanto, o corpo é permeado por uma dimensão individual e por uma dimensão coletiva, e as ações, reações, proibições e satisfações acontecem no âmbito desse encontro.

As modificações voluntárias do corpo são indicadores de identidade social, e expressam visualmente informações sobre o indivíduo como personalidade, papel social, pertencimento ao grupo. Para Stoer & Magalhães (2004) a moda é utilizada para criar uma nova imagem, sem tocar a carne. É um conjunto de regras temporárias sobre cores, formas, tipo de vestuário, que tendem a criar um determinado tipo de identificação e de “pertença”. Nas sociedades capitalistas, os ditames da moda são provenientes de grandes interesses comerciais que, de semestre em semestre, vão lançando as novas coleções cujo interesse imediato é desatualizar o vestuário da estação passada e, dessa forma, criar novas necessidades de consumo.

O uso de roupas com assinaturas de marcas caras procura identificar o usuário com as camadas mais prósperas ou com um status cultural mais elevado, enquanto que o uso de roupas desatualizadas, da coleção passada ou falsificadas, transmite igualmente uma mensagem que pode oscilar entre menor status econômico ou simplesmente uma recusa de participar do jogo comercial das “marcas”.

Esse culto da “marca” não tem a ver só com a qualidade da roupa, mas com o status que a ostentação da etiqueta implica (STOER & MAGALHÃES, 2004, p. 43).

Para Neves (2000), a moda, com todos os seus acessórios, oferece um leque de escolhas combinatórias para a valorização da imagem corporal. Entretanto, o afã consumista requer não só o desejo, mas condições econômicas. Estar atualizado frente à efemeridade dos modelos de beleza significa despender boa quantia de dinheiro para estar consoante com a moda. O corpo hedonista-consumista constitui-se como marcador de diferenças de classe, à medida que tem como indicadores o tempo e o dinheiro investidos.

Aqueles que desejam consumir nem sempre são os que podem fazê-lo, na velha relação entre querer e poder. O vestuário e a manipulação do corpo são, pois, um fator de inclusão e

exclusão social e o seu uso é um indicador de uma identidade social mais ou menos procurada, mas sempre presente na interação da pessoa com o seu meio *ibid* (p. 44).

Outro fator de inclusão e exclusão social é a identidade corporal impressa que são as modificações relativamente estáveis que se operam no corpo sem significado funcional óbvio. Existem múltiplos exemplos: a cirurgia plástica com intuítos puramente estéticos, os *piercings*, as tatuagens.

A cirurgia estética procura proporcionar à pessoa uma aproximação com padrões estéticos generalizados, mas com que a pessoa, por razões congênitas ou adquiridas, não se encontra satisfeita. Imprime na pessoa uma nova identidade corporal que procura um melhor desempenho e “imagem” no seu meio social.

Os *piercings* têm múltiplas formas que talvez se possam organizar em termos de maior ou menor visibilidade. A visibilidade desses sinais funciona como uma marca distintiva e como um aviso de uma filiação cultural, de um modo de vida diferente. Existem também *piercings* que se praticam em lugares menos visíveis do corpo. Esses *piercings*, para além de meios de construção de uma identidade diferenciada, têm frequentemente um caráter de ostentar resistência à dor e a conseqüente certificação aos demais de coragem e superação (STOER & MAGALHÃES, 2004).

Um terceiro fator de exclusão social é a deficiência física. As marcas da deficiência encontram-se presentes no corpo. É o corpo que, por sua imobilidade, assimetria, rigidez, tremor, falta de controle, amputação, forma, anuncia o que podemos designar como uma deficiência. Essa visibilidade da deficiência proporciona um imediatismo de identificação que contrasta com a “invisibilidade social” que as pessoas com condições de deficiência têm tido. A exclusão social com base no “corpo deficiente” é assim uma forma ingênua e pouco sociológica de considerar a deficiência imutável, e pessoas com condições de deficiência permanentemente dependentes e improdutivas.

O corpo é, assim, um lugar primordial da deficiência, e é nele que se alicerça a avaliação que conduz à exclusão (STOER & MAGALHÃES, 2007, p. 47).

Outra condição de exclusão dificilmente alterada é a idade. O corpo, como foi dito anteriormente, é valorizado nas economias de mercado pelo seu desempenho, pela sua eficiência e pelo gozo de suas capacidades plenas.

É a apologia de um corpo “eternamente jovem”, saudável e capaz de resistir mesmo às mais duras condições de trabalho e stress. (STOER & MAGALHÃES, 2004, p. 49).

Na velhice, o corpo é excluído por ser julgado como menos produtivo ou improdutivo e a sua participação é gradativamente diminuída.

A adequação da imagem corporal e da sensação de bem-estar individual com a superfície corporal é fundamental para que entendamos mecanismos de aceitação social, distorções de imagens, formação de resistências aos padrões de beleza. Mais do que isso a interface corpo-imagem corporal possibilita investigações acerca da relevância, definição e funcionamento dos corpos atuais.

A importância hoje conferida à apresentação do corpo bonito, adequado, perfeito, remete à exploração dessa imagem corporal ansiada. A participação em atividades física propicia uma construção ou reconstrução da imagem corporal. Nessa constante construção e reconstrução de imagens surgem novos desejos, os quais têm estreita relação com fatores narcísicos, libidinosos, sociais e afetivos.

## **CAPÍTULO 4: Análise crítica do discurso dos adolescentes moradores de rua**

Neste capítulo, procedemos à análise das falas de nossos entrevistados. Baseamo-nos em Chouliaraki & Fairclough (1999) para quem o analista deve partir da percepção de um problema relacionado ao discurso em alguma parte da vida social. A análise envolve três perspectivas: a conjuntura (uma especificação da configuração de práticas em que o discurso em questão está localizado); as práticas específicas das quais o discurso é um momento; e o discurso propriamente dito, com foco nas estruturas da língua e também para na interação com os recursos sociais e o modo como estes trabalham entre si e no texto.

Nessa linha, a análise de discurso crítica (ADC) que adotamos postula que qualquer texto pode ser compreendido de diferentes formas. Não se deve falar, portanto, em sentido único, determinado. Compreensões diversas de um mesmo texto resultam de combinações diferentes de suas propriedades e das de quem o interpreta.

Segundo Lovisolo & Votre (2007, p. 209), nos últimos anos, a maioria dos estudos de orientação qualitativa, desenvolvidos na área da Educação Física, apóia-se em princípios ancorados na linguagem.

Dividimos a análise em dois momentos. No primeiro, analisamos as relações de vitimização e poder e a formação da imagem corporal, através da categoria *intertextualidade – significado acional*. No segundo momento da análise, utilizamos a categoria *denominação – significado representacional*, com o objetivo de evidenciar as relações e a formação da imagem corporal na rua.

### **4.1 Significado acional**

O significado acional, foi analisado por meio da categoria *intertextualidade* discutida em Fairclough (2003) e Resende & Ramalho (2006). Identificamos a relação entre as vozes alheias presentes nas entrevistas e as vozes dos entrevistados, observando a relação de aceitação ou recusa do foi dito.

A intertextualidade é a combinação da voz de quem pronuncia um enunciado com outras vozes que lhe são articuladas. Um exemplo de intertextualidade é a citação, que revela a presença de elementos atualizados de um texto em outro (FAIRCLOUGH, 2003, p. 39). Uma questão inicial no estudo da intertextualidade em um texto é a verificação de quais vozes são incluídas e quais são excluídas, isto é, que ausências significativas podem ser observadas. A relação entre essas vozes pode ser harmônica, de cooperação, ou pode haver tensão entre o texto que relata e o texto relatado. (RESENDE & RAMALHO, 2006, p. 66).

A representação do discurso é um processo ideológico, cuja relevância deve ser considerada. Analisar em textos quais vozes são representadas em discurso direto e em discurso indireto e quais as conseqüências disso para a valorização ou depreciação do que foi dito e daqueles(as) que pronunciaram os discursos relatados no texto pode lançar luz sobre questões de poder no uso da linguagem (RESENDE & RAMALHO, 2006, p. 67).

Por meio da observação das escolhas lingüísticas feitas pelos adolescentes moradores de rua para representar o discurso do outro, foi-nos possível verificar se estes concordam, discordam ou polemizam estes discursos e verificar também o engajamento desses atores sociais nas temáticas abordadas.

#### 4.1.1 Relações de poder e vitimização

Nas entrevistas, em vários trechos, verificamos a presença de vozes que legitimam relações de poder e vitimização. Os adolescentes, através da utilização de vozes alheias, para representar momentos e situações vividos em casa e na rua, utilizaram discursos de oponentes, representados por eles como “agressores” para justificar sua auto-representação como “vítimas”.

Os trechos abaixo (1-3) ilustram relações de poder e vitimização vividas pelos adolescentes, entrevistados neste estudo. O primeiro focaliza a relação com uma policial:

1. *“...a policial pegou e puxou o cabelo de outra menina, da pequena, e aí a pequena pegou e começou a chorar reclamando, aí a policial mandou ela tomar no cu, aí era o direito da pequena, porque se eles não aceita que nós manda, por que eles vão mandar?...”*

Neste exemplo, podemos perceber que a informante apela para a moralidade do discurso. Ao utilizar um discurso da polícia, - que, segundo a expectativa, é quem deve defender a população - , transmite uma representação da polícia com base na agressão e no xingamento de uma policial, questionamento o *papel social* desta policial. Essa articulação de discurso serviu ao propósito de negar a representação da polícia como a mantenedora da ordem social e ao mesmo tempo atenuou a representação de adolescentes que moram na rua, como perturbadores da ordem. Com isso, representa-se no papel de vítima diante de uma “polícia” agressora, intimidadora, visando aumentar sua aceitação social.

O segundo refere-se às relações entre os adolescentes:

2. *“... mas só que lá não tinha ninguém que comandava não, porque lá era um por todos e todos por um, não tinha esse, “ah, eu sou o patrão e coisa e tal”, mas todo mundo lá falava que era o Luis Paulo, que o Luis Paulo era folgado... (...)todo*

*mundo tinha medo dele porque ele falava que brigava demais e todo mundo tinha um certo medo, dele pegar, machucar e fazer alguma coisa...*”

No exemplo 2, podemos observar outra relação de vitimização e poder. Por “brigar demais”, o líder impõe medo e legitima seu poder frente aos colegas do grupo. Segundo a informante, o líder era muito “folgado” e mandava os outros fazerem as coisas e os outros iam lá, “que nem um cachorrinho” e faziam. Os “outros”, categoria em que a informante também está incluída, são as vítimas do poder do mais forte, e a utilização passa a idéia de que se o líder não fosse dotado de força física, ele não seria respeitado, e por isso não reconhece que o grupo a que pertence possui um líder (figura dotada de respeito), e sim um intimidador, agressor.

No terceiro exemplo, emerge as relações com os membros da família:

3. *“...pode ir embora, eu não quero você na minha casa mais não...”*

Aqui, observamos, através da utilização da fala da avó por uma adolescente moradora de rua, que a jovem a representa como sendo uma das responsáveis por sua situação de vida nas ruas. Dessa maneira, reforça seu papel de vítima e se exime de explicar porque vive nas ruas e porque não volta para casa – pergunta freqüente que tem que responder.

Podemos perceber que em todos os exemplos onde ocorreu a manipulação de falas alheias, o/a informante tentou nos convencer sobre o seu lugar de vítima, buscando afastar a possibilidade de sua classificação como agressor, anti-social, ou qualquer outra classificação negativa. Esta manipulação, por vezes parece consciente, mas em outros momentos, demonstra que o discurso está fortemente incorporado.

#### **4.1.2 Discursos sobre imagem corporal**

Nas entrevistas analisadas, observamos “outras vozes” presentes nos discursos formadores da imagem corporal dos adolescentes. Algumas vozes reafirmam uma imagem corporal idealizada, desejada socialmente e outras tentam negar a imagem construída para adolescentes que moram nas ruas. Apesar do desejo de aceitar ou negar tais discursos, é difícil identificar quais são as representações de adolescentes que moram na rua, que precisam montar uma auto-imagem de acordo com cada situação.

Abaixo destacamos alguns trechos das entrevistas que foram analisadas para identificar as imagens corporais dos informantes. Dividimos os discursos em três categorias: *discursos dos que estão morando na rua*; *discursos dos que já moraram na rua e hoje moram em abrigos*; e por fim, *discursos legitimadores da casa como o lugar do cuidado do corpo*.

#### 4.1.2.1 Os que moram na rua

Consideramos moradores de rua os sujeitos que passam o dia todo na rua, se alimentam na rua e por fim dormem na rua. Os membros desse contingente raramente vão até a casa onde moravam, não tomam banho diariamente, não trocam de roupa, raramente lavam as roupas que possuem. Alimentam-se das doações dos outros ou dos furtos e coerções que praticam. Usam drogas e ficam perambulando durante o dia pela cidade, buscando a sua sobrevivência. Sua imagem corporal é difícil de ser formada, pois eles vivem respondendo ao ambiente em que estão inseridos. Através da análise dos exemplos 4 e 5, podemos verificar que a imagem corporal idealizada pelos adolescentes moradores de rua está fundamentada no cuidado com o corpo e com a imagem corporal. A frase abaixo responde ao que é ser bonita:

4. *“... Pentear cabelo, tomar banho, arrumar, ficar cheirosinha (risos), fazer unha (risos) pra mim é isso...”*.

Podemos perceber que a fala da adolescente moradora de rua está influenciada pelas falas difundidas por aqueles que gozam da oportunidade dos cuidados acima descritos, ou seja, a importância dada ao ato de pentear o cabelo, tomar banho e ficar cheirosinha só pode ser dita por aqueles que gozam desses cuidados. Ao pretender possuir esta imagem corporal, a adolescente moradora de rua busca sua aceitação social (ou talvez apenas diga aquilo que sabe que o entrevistador que ouvir).

Ela sabe que sofre preconceito pela sujeira impregnada no corpo, nas roupas, no cheiro, nas unhas, e que esses fatores a impedem de se sentir “igual” às outras jovens. Acredita que com esses cuidados perderá os atributos adquiridos com a condição de vida nas ruas e ganhará os atributos que garantirão sua aceitação social.

A mesma autocrítica se verifica na fala do adolescente:

5. *“... Ah, quando passa alguma menina, as meninas ficam olhando assim, nó, eu fico com a maior vergonha, na rua, todo sujo, as meninas passa e fica olhando nó, aquele dali deve é o maior mendigo. Ai assim eu me sinto feio, todo sujo, as meninas só ficam... parece que a gente tá cagado.”*

Percebemos que o informante se sente feio, estigmatizado, por perceber que o seu corpo está sujo. Esta percepção se dá na maioria das vezes quando este entra em contato com os olhares e falas dos outros. Sua imagem corporal está fundamentada no olhar excludente do outro, e influenciada pelo distanciamento entre sua imagem corporal e as imagens corporais dos outros que

o rodeiam na rua. Ao utilizar o exemplo da figura do “mendigo” para identificar sua imagem corporal, o adolescente mostra que conhece os atributos do “mendigo” – sujo, feio, mal vestido -, e conseqüentemente sofre por perceber que possui parte destes mesmos atributos.

O cuidado com o corpo, para aqueles que moram nas ruas, é muito precário devido à falta de condições para a garantia desse cuidado. Na rua, esses jovens não possuem condições de tomar banho diariamente, nem de usar roupas limpas após o banho. Por isso, a imagem corporal idealizada/aceita está muito distante da imagem corporal percebida quando entram em contato com seus corpos, mesmo que através do olhar do “outro”. Ao serem questionados sobre como percebem seu corpo, transmitem a imagem de um corpo que precisa de cuidados que a vida na rua não permite ter.

#### **4.1.2.2 Os que moravam na rua e atualmente moram no abrigo**

O abrigo, para os moradores de rua, é a primeira investida de retorno ao “mundo da casa”. É um espaço que possui profissionais capacitados para trabalhar com o público que recebe e com as questões que este traz. Muito diferente da casa de origem desse jovem, que muitas vezes, não está preparada para recebê-lo diretamente da rua. No abrigo, há a garantia do cuidado com o corpo, - banho diário, roupas limpas, uso de desodorante, creme de cabelo – o contato com regras, horários, direitos e deveres. Não há a necessidade de pedir ou roubar para se alimentar e tudo isso contribui para a formação de uma nova imagem corporal desses sujeitos. A mudança de atitude proporcionada pela moradia no abrigo pode ser percebida nas falas de algumas informantes deste estudo, que moravam no abrigo no momento da entrevista, em que se destaca o lado moral da beleza:

6. *“... ser bonita não é só ser bonita por fora e tem que ser bonita por dentro. Eu não me acho bonita por fora, mas por dentro eu acho, eu acho que eu tenho muitas qualidades, por fora eu posso não ter, mas por dentro eu tenho muitas qualidades...”* (...) *“Ficar mais bonita? Ah, a gente tem que ser humilde, compreender mais as pessoas, entendeu?...”*

Comparando esses discursos com os dos que moram nas ruas, verificamos que as características valorizadas para se ter uma imagem corporal positiva são sobretudo da ordem da *interioridade* do sujeito e não da *exterioridade* - aquilo que se vê num primeiro momento. O primeiro estágio do processo de inclusão – cuidado do corpo -, é garantido quando um morador de rua vai para o abrigo, permitindo-lhe que possa desejar mudanças menos “superficiais” na sua imagem corporal.

Percebemos também que estas falas estão moldadas pelo discurso dos educadores presentes nos abrigos e pela nova rede de interação social a que estes adolescentes têm acesso, preocupados em promoverem a transição do adolescente da rua para a casa, com foco na relação intrapessoal:

7. *A gente tem que ser asseadas, entendeu, mulher tem que ser asseada, me arrumo para mim mesma...”“.*

Neste exemplo, uma das jovens produz um discurso do cuidado com o corpo, discurso que ressoa o que ela deve ouvir diariamente por morar em um abrigo onde só permanecem mulheres, que historicamente valorizam o cuidado com o corpo e a aparência. Este cuidado com o corpo também proporciona às adolescentes do abrigo uma relação social baseada sobretudo na fala, pois conseguem se aproximar e conversar com os outros, enquanto que quando permaneciam na rua, as relações eram baseadas primeiro na troca de olhares, marcadas pelo distanciamento, e só raramente na fala. Sabe-se que os corpos se modificam por efeito do que se diz sobre eles e do lugar social que se produz para eles a partir das trocas discursivas que procuram mudar ou reforçar um modo diferenciado de ver e perceber o próprio corpo.

Ao adentrar um abrigo, ao ir para uma escola, para um curso profissionalizante, - acessos proporcionados aos que moram no abrigo, e negado aos que moram na rua -, os adolescentes passam a respeitar um modelo moral estabelecido pela sociedade, que dita como falar, andar, e comportar-se em determinados lugares, e com isso, iniciam um processo de re-inclusão social, pelo simples fato de se enquadrarem no modelo pré-estabelecido socialmente, modelo antes questionado, por estarem na condição de vida nas ruas.

Nos termos de Goffman, “A característica central da situação de vida do indivíduo estigmatizado pode, agora, ser explicada. É uma questão do que é com frequência, embora vagamente, chamado de *aceitação*”. Por isso o adolescente morador de rua incorpora as regras sociais estabelecida pelo meio social onde está inserido para se transformar no adolescente da “casa”.

Quando esta adaptação acontece, o que frequentemente ocorre não é a aquisição de um *status* completamente normal, mas uma transformação do *ego*: alguém que tinha um defeito particular se transforma em alguém que tem provas de tê-lo corrigido (GOFFMAN, 1988, p. 18).

### 4.1.2.3 Rua x casa

Analisando as falas dos informantes, percebemos que estes afirmavam que para se ter uma imagem corporal positiva deve-se sair da rua e retornar para casa ou para um abrigo, conforme os três excertos abaixo de três adolescentes. No primeiro, sobressai o controle sobre o corpo adolescente:

8. *“...Porque dentro de casa não tem jeito de ficar mexendo com drogas na frente dos parentes, mesmo que eles mexem, apesar, eles acha que eu sou a mais nova, eles não vão aceitar...”*

No excerto seguinte, as vantagens da casa sobre o corpo são explícitas:

9. *“... porque dentro de casa você só... como, durmo, pega um corpo melhor, aí eu vou mudar meu corpo todo...”*

O abrigo é apresentado como positivo face à rua, mas inferior à casa:

10. *“... Agora, eu me sinto bem, mas não tão bem como se eu tivesse dentro de casa...”*

Sobressaem representações positivas à casa, como o lugar do cuidado, da proteção, que se contrapõe, à rua, lugar da luta pela sobrevivência, do uso de droga, longe da censura. Ao valorizar o direito de dormir e comer, - necessários para “pegar um corpo melhor” -, garantido na casa, e muitas vezes, negado na rua, elas marcam bem a oposição entre os dois espaços. Na rua, não se dorme direito pelo medo dos “outros” fazerem alguma maldade; elas não se alimentam direito, porque dependem da bondade alheia, e por isso, o corpo, e conseqüentemente a imagem corporal, se debilitam nessas condições. Na casa, idealizada, é possível possuir o corpo limpo, com roupas limpas, cabelos penteados -, e por isso elas demonstram o desejo de estarem neste lugar.

Vale lembrar que a realidade da casa que as adolescentes de rua descrevem e idealizam é muito diferente da casa real de onde se originaram, e por isso, muitas sonham com a casa própria, espaço que será marcado por regras próprias instituídas por elas mesmas.

O abrigo, pelas características que apresentamos, se aproxima da imagem ideal e se contrapõe à rua:

11. *“... quando eu ficava na rua eu ficava feia pra caramba, magrinha, nó, ficava ridícula, eu já me senti feia”.*

Ao comparar o seu corpo, morando em um abrigo, local onde concedeu esta entrevista, com o corpo lembrado de quando morava na rua, a adolescente reforça a rua como o lugar da impossibilidade do cuidado com o corpo. Ao descrever o corpo feio, magro, da época da rua, reafirma que na rua não é possível adquirir uma imagem corporal positiva, e que no abrigo há condições ideais para o cuidado corporal.

Já vimos que a imagem corporal é um dos fatores que influenciam no processo de exclusão social dos adolescentes. É importante lembrar que, ao mesmo tempo, que este público é excluído da sociedade, é incluído nos grupos da rua por meio da sua imagem corporal, ou seja, a imagem que os afasta da sociedade os aproxima da vida nas ruas. Ao mesmo tempo que, para o rapaz, parecer um mendigo por estar sujo é ruim aos olhos das meninas que passam na rua, para receber alguma doação na porta de um supermercado esta imagem pode ser a exigência para se conseguir o que se deseja. Ao comparar a condição de vida na rua com a condição de vida na casa, percebe-se que a mudança do lugar da rua para casa provoca mudanças na maneira como esses adolescentes se vêem, se auto-representam, influenciando diretamente nos seus processos de inclusão e exclusão social.

#### **4.2 Significado representacional**

Para uma análise do conjunto dos discursos dos informantes, adotamos a perspectiva do significado representacional de textos, relacionado ao conceito de discurso como modo de representação de aspectos do mundo (RAMALHO & RESENDE, 2006, p. 70). Os diferentes discursos não apenas representam o mundo “concreto”, mas também projetam possibilidades diferentes da “realidade”. Relacionam-se a projetos de mudança do mundo de acordo com perspectivas particulares. As relações estabelecidas entre diferentes discursos podem ser de diversos tipos, a exemplo das relações estabelecidas entre pessoas – os discursos podem complementar-se ou podem competir um com o outro, em relações de dominação -, porque os discurso constituem parte do recurso utilizado por atores sociais para se relacionarem, cooperando, competindo, dominando. (RESENDE & RAMALHO, 2006, p. 70-71).

A categoria escolhida para a análise do significado representacional foi a de “seleção de palavras”, que aqui neste estudo, chamaremos de *denominação*, por entendermos que as palavras selecionadas para a análise, trazem novas nuances e significados, com diferentes termos, como verbos e adjetivos. Na ADC, assim se concebe esta categoria:

Um problema imediato para quem estuda a situação política e socialmente constrangedora de haver pessoas que, no contexto da modernidade, são deixadas à margem da mesma modernidade e são lançadas à vida nas ruas é o da denominação que se deve dar a essa situação. [...] Termos como “sem-teto” e “meninos(as) de rua” naturalizam o estado dessas

peças como condição permanente: não estão sem-teto, são sem-teto; não estão na rua, são de rua (RESENDE, 2005, p. 72).

Com o objetivo de evidenciar as relações de vitimização e poder estabelecidas nas ruas e a formação de imagens corporais, identificamos as palavras mais frequentes nas entrevistas e sua convergência nas vozes dos adolescentes. Após o levantamento da recorrência das palavras, destacamos as três mais relevantes para a análise das relações de poder e vitimização mantidas nos grupos da rua (namorado, meninos e meninas) e duas para analisar a influência da linguagem na formação das imagens corporais (bonito e feio).

#### 4.2.1 Relações de vitimização e poder.

Para analisar as questões relacionadas as relações de vitimização e poder, selecionamos, com base na recorrência nos discursos dos informantes, as palavras “namorado”, “menino” e “menina”. Apresentamos abaixo algumas associações de termos e sentidos atribuídos a estas palavras e analisamos sua utilização na afirmação ou questionamento das relações mantidas na rua.

Começamos pelas associações de termos e sentidos atribuídos à palavra “**namorado**”, encontradas nas entrevistas:

Do primeiro excerto emerge mando exclusivo sobre a adolescente:

12. “...Faz de conta que aquele menino ali (aponta para um menino do grupo) é meu namorado, aí **ele manda** só em mim, mais ninguém. Só manda em mim...”;

Do segundo, em sentido inverso, emergem respeito e obediência que implicam ajuda:

13. “...Por que eu tenho que **respeitar** ele, ele é meu namorado e eu tenho que **obedecer** ele, ele me ajuda...”

No terceiro transparece o provedor eventual:

14. “...às vezes, o meu namorado vai ali e **arruma um dinheiro**, traz para mim, aí eu compro um negócio para mim comer...”

Por fim, o namorado defende a namorada:

15. “...não **comprava a briga** de todas, mas comprava a da mulher dele...”

Observando os termos em negrito dos excertos acima, constatamos que para as adolescentes em situação de rua, a denominação “namorado” representa relações de poder. Com efeito, as falas das informantes evidenciam que o namorado é aquele que: *manda, deve ser obedecido, que ajuda, que arruma dinheiro, que compra briga*. As adolescentes reconhecem que são os meninos que mandam no universo da rua, através da força física e das relações de dependência estabelecidas. O “namorado”, para a maioria das adolescentes, é quem garante a sua sobrevivência e proteção no universo da rua, não diferente da relação do marido e mulher, no universo da casa, em que o marido é quem garante a proteção e a sobrevivência da esposa.

Observemos agora o que ocorre com a palavra “meninos” na entrevista com nosso informante adolescente, ele mesmo desprovido de poder sobre os outros. No primeiro excerto, ele critica os “folgados”:

16. “...mas tinha os meninos que **mandavam**.. ...Ah eles eram muito folgados, gostava de mandar, bater nos outros, pagava tipo gatão né...”

No segundo, descreve os submissos:

17. “...os meninos, que **trabaiava, pedia**, pra comprar larica<sup>16</sup>, pão...”

No terceiro, constata assimetria nas relações de gênero:

18. “...os meninos **mandam** mais que as meninas...”

Para o adolescente morador de rua, a palavra “meninos”, remete para as relações de poder que os meninos do grupo da rua mantinham sobre as meninas na mesma situação e também sobre os meninos mais “fracos”, conforme alguns atributos destacados: *mandava, trabaiava*, nos remetendo ao contexto em que o homem exerce o domínio sobre os mais fracos, principalmente através da desvalorização destes.

Para as adolescentes, as ocorrências da palavra “meninos” também remetem a formas de proteção e poder, embora em um grau menor do que o sentido da palavra “namorado”.

---

<sup>16</sup> Qualquer alimento ingerido para matar a fome após o uso de drogas.

As duas primeiras citações reforçam o imaginário feminino. A primeira, polêmica, confere às meninas as regalias de gênero:

19. “...elas **ficava parada** né, menina, só nós mesmo, os meninos, que trabalhava, pedia...”

20. “...as meninas assim, que eles **ajudavam porque é mulher...**”

A segunda, também polêmica, confere aos homens o papel de provedores.

Os sentidos da palavra “meninas” confirmam o lugar estabelecido para a mulher na rua: *são aquelas que recebem mais proteção, que ninguém encosta a mão e são ajudadas por sua condição de mulher*. Não muito diferente das relações estabelecidas por homens e mulheres no universo da casa.

Chama a atenção, o fato de as adolescentes moradoras de rua, em nenhum momento, falarem sobre o que dão em troca da proteção recebida. Mas o adolescente morador de rua não esconde que estas *ficavam com os meninos* em troca do que recebiam. Isto nos mostra que é através da utilização do corpo que muitas adolescentes conseguem sobreviver na rua, ambiente onde a lei do mais forte predomina, e onde o corpo pode ser usado para garantir a sobrevivência física e moral dos mais fracos.

#### 4.2.2 Formação da imagem corporal

Para analisar as questões relacionadas à formação da imagem corporal, selecionamos as duas palavras que mais foram utilizadas para representar a auto-imagem dos adolescentes: as palavras “bonito(a)” e “feio(a)”. Abaixo apresentamos alguns usos dessas palavras e discutimos sua influência na formação das imagens corporais utilizadas pelos informantes.

O menino reage, de pronto, ao estigma da queimadura:

21. “...Fazer uma **cirurgia na minha perna...** ...Porque a minha perna é queimada...”

Ele também esforça em ajustar-se à expectativa, pelo asseio:

22. “...**Lavo o rosto, o pé** quando ta muito sujo, **a mão**, quando vou sair...”

Entretanto manifesta-se a consciência crítica da contradição entre a vida na rua e as exigências estéticas:

23. “...se eu não tivesse na rua eu ia estar diferente, eu ia tá mais bonita, **mais arrumadinha, aí na rua não dá né...**”

As meninas são mais, radicais. Nelas, o esforço se manifesta pela compra de cabelo sintético:

24. “...quando eu quero ficar bonita eu compro “**canecalom**” e ponho...”

Com relação à palavra “*bonito*” e seus usos, para o adolescente, a beleza está relacionada à higiene pessoal: *lavar o rosto, o pé, a mão*, reafirmando a representação de que homem não precisa se *enfeitar* muito e sim estar limpo. O entrevistado reconhece que o fato de que morar na rua o impede de estar limpo a maioria do tempo, e que isso o exclui de um convívio social harmônico, pois sujo, os outros olham e reprovam. Por outro lado, apesar de não gostar de estar sujo, sabe que a sujeira impregnada no corpo o ajuda a “ganhar” comida, dinheiro e cigarro, na rua. Afirma que se acha bonito, mas gostaria de “apagar” do seu corpo uma enorme cicatriz que tem na perna e que tem vergonha de mostrá-la. Essa vergonha surge quando um indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é indesejado e pode imaginar-se como um não-portador dele (GOFFMAN, 1988, p.17).

As adolescentes foram influenciadas pelos locais em que se encontravam no momento da entrevista. Para as do abrigo, que já gozam do direito ao cuidado do corpo: banho, lavar o cabelo, cuidar da pele, das unhas, de uma boa alimentação, as questões relacionadas à beleza dizem respeito sobretudo às qualidades internas da pessoa, tais como, *humildade, vergonha e compreensão*.

Para as que moram na rua, ficar bonita ou ser bonita está relacionado ao cuidado com o corpo e com a imagem que este corpo reflete. *Arrumar o cabelo, se arrumar mais, tomar banho, ficar cheirosinha*, são alguns cuidados e mudanças necessários para ficar bonita, o que a vida na rua impede de alcançar. Quando alcançam, estão sendo providas pelo namorado ou por outro homem. Compram “*canecalom*” e alongam os cabelos e procuram mudar o estilo, ser mais femininas, pois a vida na rua as torna muito masculinas, principalmente através do vestuário. Este vestuário é uma das estratégias de resistência das adolescentes, pois usar bermudões, camisas largas, protege o corpo do desejo alheio.

Todas disseram que se achavam bonitas e a maioria justificou sua opinião com um questionamento: “...se eu não me achar bonita quem vai me achar?”. Entendemos que achar-se bonita, na rua, é uma maneira de se manter a auto-estima e de defender do olhar preconceituoso do “outro”.

Vejamos, por fim, os usos e sentidos da palavra “feio” ou “feia” para os informantes, começando pelo adolescente:

25. “...eu fico com a maior vergonha, na rua, **todo sujo**, as meninas passa e fica olhando nó, aquele dali deve ser o maior **mendigo...**”

As meninas se auto-avaliam de forma radical, quer no presente, como no depoimento seguinte:

26. “...não gosto da minha **bunda** não gosto dos meus **peitos** (risos). Nem bunda eu tenho, nem peito...”

Quer no passado, tanto na aparência física quanto no aspecto moral:

27. “...meu **cabelo** estava todo amarelo, aí eu falei assim: “ nó, que cabelo de fogo. Eu sou feia pra caralho fĩ...”

28. “...me via toda **drogada**, toda feia...”

O que faz com que o adolescente se sinta “feio”, são também características relacionadas à higiene pessoal: *estar sujo e parecer um mendigo*. Estas representações são produzidas na interação com a contribuição decisiva do olhar do outro. A rede de trocas de palavras e olhares na rua, inscreve no corpo e conseqüentemente na imagem corporal dos adolescentes, os estigmas mantidos pela sociedade, excluindo estes menores do convívio social harmônico.

A “*feição*”, no discurso das adolescentes, pode ser dividida em dois grupos: para as *que moram em abrigo*, sentir-se feia está relacionado ao uso de drogas: “*tíner*”. *Usar droga é algo que acaba com a pessoa, atrapalha a saúde*. Volta aqui o discurso da nova rede de socialização proporcionada pela vida no abrigo. Para as *que moram na rua*, o sentir-se feia está relacionado a alguma característica física. Para não ser “feia” tem que mudar a “a bunda”, “o peito”, “o cabelo”. Este discurso também é influenciado pela rede de discurso a que estas meninas têm acesso, na rua, com os transeuntes, através das imagens e olhares.

## CAPÍTULO 5: Considerações finais

### 5.1 Considerações finais

Concordamos com Fairclough (2003) em que não existe análise objetiva de textos, uma vez que não é possível descrever o que se representa em um texto sem que a subjetividade do analista participe da análise. Também concordamos com a Resende & Ramalho (2006) em que a escolha das questões a serem respondidas demonstra as motivações particulares da análise visto que delas derivam. A escolha deste tema como objetivo de pesquisa revela a relação da nossa prática educativa, direcionada para os adolescentes moradores de rua e com o trabalho de pesquisa na linha das representações sociais e dos estudos de gênero.

Com relação à auto-representação, durante a sua permanência na rua, os informantes não conseguem formar uma auto-representação coesa de si, uma vez que precisam encenar papéis diferentes a cada momento e situação, atuando como *pivete*, *pedinte*, *provedor*, *vítima ou agressor*, segundo as circunstâncias como estratégia de sobrevivência no mundo das ruas. De todos os papéis encenados, o papel de “vítima” é o mais utilizado por esses atores sociais, como estratégia para convencer a população a ajudá-los, respeitá-los e permitir sua permanência na rua.

Dos traços de poder e vitimização desvelados a partir a análise do discurso dos adolescentes infere-se que a rua é o lugar do mais forte, do mais corajoso, daquele que exerce domínio sobre os mais fracos para garantir seu lugar de liderança e também para conseguir o que deseja. Nesse espaço, os meninos exercem poder sobre as meninas, físico e moral, através das surras e também da comida e da proteção. As meninas também exercem seu poder sobre os meninos, através da entrega do corpo feminino, das carícias e da aceitação do papel da mulher dentro do grupo, reproduzindo muitas vezes as relações homem-mulher, do universo da casa.

Adolescentes moradores de rua são socialmente excluídos pelo distanciamento de suas *imagens corporais* construídas no universo da rua face às imagens corporais aceitas socialmente. A rua é o lugar da impossibilidade de cuidados diários com o corpo. Para que sejam incluídos, esses adolescentes devem mudar sua condição de moradia nas ruas para a moradia na casa, representada pelo abrigo. Neste novo contexto, uma auto-imagem positiva se constrói, através da garantia de cuidados com o corpo e de acesso a instituições socializadoras, tais como a escola, os cursos de várias naturezas, os vizinhos, uma rede de troca discursiva que vai montando, através dos diálogos, um novo sujeito, protagonista de novos papéis sociais, novos discursos, novas ações, novas representações de corpo e de mundo. Entretanto, a atração que a rua oferece parece ser mais forte do que as promessas feitas pelas políticas sociais voltadas para a ressocialização deste público.

*O papel das atividades esportivas no processo de inclusão social.*

As atividades esportivas vêm sendo utilizadas dentro de programas sociais como uma das principais ferramentas na busca pela integração e ressocialização de jovens em risco pessoal e social. Alguns autores criticam essa utilização, por considerar que esta serve aos interesses das classes dominantes que visam conformar aqueles que não se adaptam à ordem social pré-estabelecida.

As críticas ao valor do esporte como meio de alienação, exclusão social e submissão dos indivíduos aos interesses capitalistas, podem ter contribuído para uma desvalorização da aprendizagem técnica nas atividades esportivas desenvolvidas em programas sociais, levando os participantes à evasão, pelo não atendimento de suas expectativas. Ao atentar para esta aspiração, os programas poderão melhorar a intervenção educacional e minimizar a evasão (VIANNA, 2007).

Apesar da grande utilização do esporte como ferramenta educativa dentro dos programas sociais, percebemos que há um equívoco em algumas intervenções, pois, na maioria das vezes, nestes contextos, a atividade esportiva visa somente o lazer pelo lazer, o prazer, o “passar o tempo”, sem nenhuma sistematização capaz de proporcionar ao jovem uma avaliação do seu aprendizado e desenvolvimento. A concepção do lazer pelo lazer, reduz a capacidade de socialização coletiva que os esportes coletivos bem orientados, podem favorecer.

Entendemos que desenvolver a competência esportiva é uma das ações que auxiliam na construção de um autoconceito positivo, uma melhoria na auto-estima, e conseqüentemente na construção de uma imagem corporal positiva, facilitando com isso a ressocialização do sujeito no contexto imediato onde está inserido e também em outros contextos de sua vida. Conforme Danish & Nellen (1997), para que o esporte sirva como um efetivo modelo de aprendizagem de “habilidades de vida”, a experiência no esporte precisa ser projetada com esse objetivo em mente. Essa posição dos autores reforça a concepção de que não é o esporte em si que ensina habilidades de vida. Eles superam essa posição, quando argumentam que isso será possível através de uma prática esportiva planejada de forma que os participantes possam transferir o que foi aprendido para outros contextos.

Segundo Miller et al (1997), o contexto da atividade física é um meio privilegiado de educação sócio-moral, pelo seu apelo afetivo sobre as crianças e jovens e pela facilidade de observação das modificações dos comportamentos motivados pelos valores éticos e morais. Os interventores, professores ou instrutores podem tirar vantagem desses fatos e utilizá-los na educação sócio-moral.

No Programa Miguilim, as atividades esportivas eram desenvolvidas com o objetivo do lazer pelo lazer, obtendo baixa participação do público. Frente à dificuldade de participação contínua dos adolescentes moradores de rua atendidos nessas atividades, o educador físico tentou criar um contexto favorável ao aprendizado de habilidades esportivas, à criação coletiva de regras que regem não somente as atividades esportivas, mas a postura dos adolescentes dentro do Miguilim Cultural, o despertar de lideranças positivas que motivassem os colegas a buscarem esse espaço para a participação contínua nas atividades.

Miller et al (1997) sustentaram que os instrutores não podem promover mudanças nos atributos pessoais diretamente, mas podem fazê-lo através da organização de contextos que oportunizem aos alunos uma determinada experiência. Nessa linha pedagógica, como estratégia para firmar a participação dos adolescentes nas atividades esportivas do Programa Miguilim, foram organizados torneios esportivos, que contavam também com a participação de adolescentes que moravam em abrigos. Essa ação motivou os adolescentes moradores de rua a se organizarem, montarem seu time, treinar, fazendo com que a participação contínua nas atividades esportivas se efetivasse. O educador físico, durante esses torneios, tornava-se a referência para os adolescentes, buscando desenvolver a cooperação, o trabalho em equipe, o respeito mútuo, a obediência às regras do jogo e do Programa resultando uma imagem corporal positiva nos adolescentes.

Conforme a previsão de Miller et al (1997), segundo a qual a cooperação pode ser desenvolvida quando diferentes indivíduos trabalham juntos, para realizarem um objetivo comum, em benefício de todos os membros do grupo ou equipe. Constatamos que, de fato, a estrutura cooperativa desenvolve a capacidade de comunicação e colaboração entre os indivíduos, promovendo a empatia, a confiança mútua e a melhor avaliação das necessidades e interesses dos outros.

Através das atividades esportivas também pudemos observar uma mudança na postura dos jovens dentro do programa. Burlar as regras, usar drogas no local, já não parecia tão excitante. Percebíamos que os adolescentes novatos eram os que mais tinham esta postura desviante e que, ao se envolverem com o restante do público nas atividades esportivas, passavam a agir conforme a coletividade. Um melhor cuidado com o corpo também foi proporcionado, pois o direito ao banho foi uma das conquistas a partir da participação nas atividades esportivas. Com o passar do tempo, estas atividades tomavam a metade do tempo de permanência dos jovens no Programa Miguilim.

Também ratificamos as conclusões de Vianna (2007), em que um novo meio ambiente caracterizado pela tomada de decisão, pela demonstração de responsabilidade, pela confiança mútua, pelo respeito e cuidado, pode aumentar o impacto sobre o comportamento individual e coletivo. Em um clima de moral comunitária, os membros do grupo estimulam-se a evitar falhas morais. Os comportamentos dos sujeitos não refletem apenas a decisão individual, mas a percepção

do que é desejado e permitido pelo grupo. Tornar-se membro é submeter-se às regras morais do grupo, pois essas regras são parte de sua identidade.

Este estudo comprovou que as políticas públicas que utilizam o esporte como uma das estratégias de intervenção, deverão superar a visão de que a simples participação dos adolescentes e o distanciamento do ambiente da rua são suficientes para promover a socialização positiva deste público. Devemos sim procurar meios de promoção da competência individual e coletiva, favorecendo o desenvolvimento do autoconceito e da auto-estima positiva desses jovens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, W. *A corrupção penal infanto-juvenil*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1995.

AHMED, S. F. *Crenças, informações, atitudes e comportamentos sexuais na “era da AIDS” – Um perfil dos adolescentes da ilha de Paquetá*. Rio de Janeiro: UGF, 1999. Dissertação (Mestrado em Sexologia).

ALMEIDA, V. J. F. *Relações sociais na rua*. Belo Horizonte: UFMG, 1993. (Monografia em Sociologia).

ALVIM, R. B.; VALLADARES, L. P. *Infância e sociedade no Brasil: uma análise da literatura*. Rio de Janeiro, 1988, BIB n.26, pp. 3-37, 2º semestre.

BOECHAT, R. A. *Autoconceito, auto-estima e imagem corporal em mulheres praticantes de atividade física e sedentárias*. Rio de Janeiro: UGF, 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social).

BRASIL. Ministério da Criança/Ministério da Saúde. Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

BULGARELLI, R. *Comentários sobre a questão de interferência do educador no espaço da rua*. Contribuição apresentada para o treinamento de educadores de rua do “ I Programa Latino-Americano de Intercâmbio”. São Paulo: 1991.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity. Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COSTA, M. *Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento*. Porto Alegre: LP&M, 1986.

DAMASIO, A. R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMATTA, R. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

DANISH, S. J. & NELLEN, V. C. *New Roles for Sport Psychologists: teaching skills through sport to at-risk youth*. Quest. 49: 110-113, 1997.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FERREIRA, N. T. (Org.). *Representação social e educação*. Campinas: Papyrus, 1999.

FERREIRA, R. M. F. *Meninos de rua: valores e expectativas de menores marginalizados em São Paulo*. São Paulo: IBREX, 1979.

FOUCAULT, M.. *O nascimento da clínica* – Trad. Roberto Machado. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*; trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1996 7ª ed.

\_\_\_\_\_. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*; trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988 4ª ed.

GREGORI, M. F. *Meninos nas ruas: A experiência da viração*. São Paulo: USP, 1997. Tese (Doutorado em Antropologia).

KEHL, M. R. *As máquinas falantes*. In: NOVAES, A. (Org). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas: Papyrus, 2003.

LEITE, L. C. *A Razão dos Invencíveis: meninos de rua – o rompimento da ordem (1554-1994)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPUB, 1998.

MAAKAROUN, M. F. *Tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1991.

MICHALISZYN, M. S.; TOMASINI, R. *Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos*. Petrópolis: Vozes, 2005.

MILLER, S. C.; BREDEMEIER, B. J. L. & SHIELDS, D. L. L. *Sociomoral Education Through Physical Education with at-risk Children*. *Quest*, 49: 114-129, 1997.

NEVES, A. P. D. M. *A formação da imagem corporal e as representações de beleza em mulheres freqüentadoras de academias*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de comunidades e ecologia social).

OSÓRIO, L. C. *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PITTER, R.; ANDREWS, D. L. *Serving America's Underserved Youth: reflections on sport and recreation in an emerging social problems industry*. *Quest*, 49: 85-99, 1997.

PRADO, D. *O que é família?* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

RESENDE, V. M. *Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo: o discurso sobre a infância nas ruas*. Brasília: UnB, 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística).

RESENDE, V. M. & RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

RIBEIRO, D. *Ensaio insólitos*. Porto Alegre: LP&M, 1979.

RIO, J. do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1995.

RIZZINI, I. *Deserdados da sociedade: os meninos de rua da América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. Universitária da Universidade Santa Úrsula, 1995.

RIZZINI, I.; RIZZINI, I. "Menores" institucionalizados e meninos de rua: os grandes temas de pesquisas na década de 80. In: FAUSTO, A., CERVINI, R. (Org). *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1996. 2ª ed. p. 133-150

SCHILDER, P. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

STOER, S. R.; MAGALHÃES, A. M.; RODRIGUES, D. *Os lugares da exclusão social: um dispositivo de diferenciação pedagógica*. São Paulo: Cortez, 2004.

TAVARES, M. da C. G. C. F. *Imagem corporal: conceito e desenvolvimento*. Barueri: Manole, 2003.

TURTELLI, L. S. *Relações entre imagem corporal e qualidades de movimento: uma reflexão a partir de uma pesquisa bibliográfica*. Campinas: Unicamp, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física).

VARGAS, A. L. S. *As sementes da marginalidade – uma análise histórica e bioecológica dos meninos de rua*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2002.

VIANNA, J. A. *Esporte e camadas populares: inclusão e profissionalização*. Rio de Janeiro: UGF, 2007. Tese de doutorado (Doutorado em Educação Física).

VITIELLO, N. *Reprodução e sexualidade: um manual para educadores*. São Paulo: CEICH, 1994.

VOGEL, A., MELLO, M. A. de S. *Da casa à rua: a cidade como fascínio e descaminho*. In: FAUSTO, A., CERVINI, R. (Org). *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1996. 2ª ed. p. 133-150.

VOTRE, S. J.; LOVISOLO, H. R. *Em busca de princípios e procedimentos*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, São Paulo, v. 28, p. 209-216, maio. 2007.

## **ANEXOS: Trechos das entrevistas dos seis informantes que contribuíram para esta pesquisa.**

### **Entrevista n 1.**

Nome da adolescente: Kely

Data, horário e Local: 22/05/2006 – 10:00 da manhã – Quebrada da Av. Cristiano Machado

*Ao chegar na “quebrada” (local onde o grupo fica reunido e dorme) cumprimentei todos os adolescentes e falei que queria conversar com a Kely. Imediatamente a adolescente me chamou para um canto afastado e sentou no gramado da praça para iniciarmos a conversa. Expliquei novamente o motivo da entrevista e a adolescente concordou em falar. Kely vestia um bermudão azul, uma camisa de time grande e uma blusinha que só aparecia as alças amarradas no pescoço. Estava descalça, despenteada e aparentemente suja dando a impressão que acordara há pouco tempo. Durante a entrevista a adolescente se mostrou disponível para falar. Iniciei a entrevista pedindo que ela se apresentasse falando seu nome e sua idade.*

### **Sobre a vida nos grupos:**

K - Só os meninos daqui.

E - *Este é o seu grupo?*

K - É.

E - *Como você veio para este grupo?*

K - É assim, oh. Se tiver algum colega seu que é daqui, aí ele pega e traz você, aí se você gostar, mesmo você não gostando e quiser ficar, você fica, agora se você quiser ir embora, você vai.

E - *Tem alguém que lidera este grupo, que é o líder?*

K - Não. Líder não tem não, é todos por si, todos é por si, cada um faz, faz só, não... ninguém manda em ninguém, ninguém, só quem tem namorado mesmo para mandar no outro, agora fora isto ninguém manda em ninguém.

E - *Agora os namorados e as namoradas mandam entre si? Ou os meninos mandam nas meninas? Ou as meninas.*

K - Não. Faz de conta que aquele menino ali (aponta para um menino do grupo) é meu namorado, aí ele manda só em mim, mais ninguém. Só manda em mim.

E - *E você manda em quem?*

K - Eu não mando em ninguém, não mando em ninguém.

E - *E você obedece a ele?*

K - Por que eu tenho que respeitar ele, ele é meu namorado e eu tenho que obedecer ele, ele me ajuda.

E - *Ele te ajuda em que sentido?*

K - Se eu tô com fome ele vai e me dá as coisa, se que eu quero isso ele vai me dar, ele vai comprar. É assim.

E - *Você tem vontade de mandar em alguém? Ser líder assim?*

K - Ah, eu não gosto de mandar em ninguém não, não, isso é muito ruim, é triste mandar nos outros depois você não vai querer que ninguém manda em você.

E - *Se este grupo tivesse um líder você preferia que fosse um menino ou uma menina?*

K - (silêncio) Qualquer um pra mim dava só que eu preferia que fosse uma menina.

E - *Uma menina? Por que?*

K - Ah, por que na quebrada tem mais menina que menino às vezes, agora tem mais home do que menina, mas se fosse menina ia ser melhor né, a gente ia poder sentar, poder conversar com nós assim, falar as coisas que a gente tem para falar assim.

E - *E se fosse você? Como você seria líder?*

K - Se eu fosse líder, eu ia proibir deles ficar gritando demais no lugar por que atrapaia os vizinhos e os vizinhos reclama muito, podia ficar acordado, brincando, conversando, mas parar de gritar, pra

evitar confusão, porque toda mão os policial vem reclamar, toda mão, aí nós mesmos fica cansado, aí os policiais vem aí não dá né.

### **Sobre a imagem corporal:**

*E - Kely, você se acha bonita?*

K - Eu acho (risos), eu me acho.

*E - E os outros, a quebrada, os seus amigos, ex-namorado?*

K - Se eles é bonitos?

*E - Se eles te acham bonita?*

K - Eles eu não sei não, por que eu não converso com eles como antes não, mas nós temos uma amizade ainda né, não é aquela, aquela amizade de antes, mas nós ainda conversa. (acho que fala do Vinícius seu ex-namorado)

*E - O que tem que fazer para ficar ainda mais bonita?*

K - Pentear cabelo, tomar banho, arrumar, ficar cheirosinha (risos), fazer unha (risos) pra mim é isso, eu acho que já falei tudo que tinha para falar.

*E - O que você gosta mais em você?*

K - (silêncio) meu olho, quando eu olho nos olhos dos outros.

*E - E o que você mudaria em você?*

K - Mudaria em mim tudo, ia mudar toda em mim.

*E - Conta essa mudança para mim.*

K - Ia mudar meu corpo todo para ninguém me conhecer, para eu ser outra pessoa.

*E - Como faz para mudar todo o corpo?*

K - Basta eu sair da rua para eu querer mudar o corpo.

*E - Mas como assim?*

K - Porque dentro de casa não tem jeito de ficar mexendo com drogas na frente dos parentes, mesmo que eles mexem, apesar eles acha que eu sou a mais nova, eles não vão aceitar e porque dentro de casa você só... como, durmo, pega um corpo melhor, aí eu vou mudar meu corpo todo.

*E - Você já se sentiu feia?*

K - Ah, eu já me senti, agora não.

*E - E quando você se sentiu feia você se lembra por quê?*

K - Ou, eu ficava o dia inteiro no tiner, ficava cheirando tiner o dia inteiro, acordava e pegava um pano de tiner, dormia com um pano na mão, almoçava com um pano na mão, tomava café com um pano na mão, agora eu decidi né, agora não dá mais, aí é parar.

*E - Kely você fala de roupa, arrumadinha e tal. Que roupa você acha que a menina de rua deveria usar?*

K - Oh, a menina pode usar qualquer roupa, qualquer roupa que quiser, mas, tem que ter responsabilidade, por que se usar saia não vai poder usar de perna aberta por que tem muitos meninos na quebrada e a maioria deles são comprometidos, então tem que respeitar né, se não respeitar não dá né.

K - (Chega um adolescente do grupo fumando um cigarro e Kely pede para fumar): Deixa eu fumar aí menino, ou!, deixa eu fumar aí!

*E - E o que ela não pode usar, ela não pode usar mini-saia.*

K - Não. Poder pode, mas só com um shortinho por baixo, pra respeitar,

*E - E blusinha?*

K - Pode, porque eu uso, eu uso, não mas eu uso com blusa grande porque quando tá fazendo frio ou quando tá fazendo calor...

O adolescente chega com o cigarro aceso e Kely fuma, chega também outro adolescente chamado Luiz – morador da mesma quebrada para falar comigo.

K – (gritos) Ou, não é para vim um monte de gente não. **Ô Zé, não zoa não Zé, é coisa séria Zé.**

*E - Você acha que a menina pode usar tudo desde que ela tenha...*

K - Me interrompe dizendo: respeito.

*E - Você se arruma para quem Kelyana?*

K - Para mim mesma.

E – *Como você se vê quando se olha no espelho?*

K - Ah, eu não ia me vê aquilo tudo né por que eu tô na rua, agora se eu não tivesse na rua eu ia estar diferente, eu ia tá mais bonita, mais arrumadinha, aí na rua não dá né, por que a gente corre, pega traseira, fica sentando no chão assim, aí não dá né.

## **Entrevista n 2.**

Nome da adolescente: Nair

Data, horário e Local: 14/11/2006 – 14:00 da tarde – Quebrada da Av. Cristiano Machado

Duração: 18 minutos

*O grupo agora está ficando em um posto de gasolina desativado, localizado na Av. Cristiano Machado. Ficam em uma espécie de quiosque onde era uma churrascaria, bem amplo e com banheiros. Eles já se apropriaram do espaço e estão até estendendo roupas do lado. Ao chegar na “quebrada” avistei a Kely junto com outros meninos. Eram aproximadamente 10 pessoas (menores e maiores de idade) todos deitados em colchões e cheirando tiner. Nair se aproximou e questionei se poderia entrevistá-la. Ao tentar explicar do que se tratava, Kely se levantou, falou que ela podia dar a entrevista pois ela já dera e gabava-se por ter sido a primeira. Procuramos um canto afastado do grupo, dentro do posto de gasolina para sentarmos. Por vários momentos os meninos se aproximavam curiosos mas saíam diante a minha intervenção. Nair vestia uma minissaia, um top, barriga de fora, cabelos curtos amarrados e chinelo de dedo. Em suas mãos uma buchinha de tiner que não foi usada durante toda a entrevista (não fiz nenhuma intervenção com relação ao uso da droga). Iniciei explicando o objetivo da entrevista e perguntei se podia gravar tendo a permissão da mesma. O local é muito barulhento devido ao grande movimento de carros na avenida. Iniciei pedindo a ela que se apresentasse.*

### **Sobre a vida nos grupos:**

E – *Você sempre tem algum grupo que você anda junto, fica sempre?*

N – Só os meninos daqui mesmo.

E – *Aqui da Cristiano machado?*

N – É só esse aqui mesmo.

E – *Como esta este grupo hoje, tem um tempo que estou no rio, trabalho no Miguilim mas passo aqui só de vez em quando. Tem alguém que lidera este grupo, que toma a frente?*

N – Como assim?

E – *Um líder do grupo. Tem algum líder?*

N – Não, não tem isso não, (risos).

E – *Não tem?*

N – Não. Não tem isso aqui não.

E – *Nesse grupo são “todos por todos” ou “cada um por si”?*

N – Um por todos e todos por um.

E – *Então vocês lutam uns pelos outros?*

N – É, isso.

E – *Tem alguma lei aqui nesse grupo?*

N – Não... lei nenhuma.

E – *Você já pensou em ter algum grupo seu que você liderasse ele, que você tomasse conta?*

N – Já, Nó! Todo mundo quer ter um grupo né, quem não quer? Todo mundo gostaria de ter.

E – *Você acha que os meninos ou as meninas mandam mais?*

N – Os meninos mandam mais que as meninas.

E – *Você acha que manda?*

N – Bem, aqui ninguém não manda né mim não. Ninguém manda né mim aqui não, ninguém manda né mim aqui. Ninguém manda né ninguém aqui.

## **Sobre a imagem corporal:**

N – Fala sô pode falar.

*E – O que é ser bonita?*

N – Ah! Eu sou metida. Eu não sei se eu sou metida, mas eu gosto de andar arrumada, não gosto de andar bagunçada não, se você me ver bagunçada... pode saber que eu to nervosa estressada qualquer coisa, mas não gosto não.

*E – O que e ser bonita?*

N – A gente cuidar do corpo da gente, dá valor ao corpo da gente.

*E – Como assim, dar valor ao corpo?*

N – Não vender o corpo da gente. A gente mesmo cuidar do corpo da gente, cuidar, tratar da pele, ah sei lá não sei nem o que eu to falando, Nossa Senhora (risos).

*E – O que tem que fazer para ficar mais bonita?*

N – Mudar o meu estilo.

*E – Que estilo?*

N – Eu, Por que eu só tenho roupa de homem, você me vê assim e por que ta chovendo.

Eu gosto de usar bermudão, blusão. Mas se fosse, Nossa Senhora, eu fosse rica eu ia entrar no shopping e ia comprar só roupa de mulher, só roupa doida,

*E – O que e roupa doida?*

N – Uma sainha, calça boca larga, blusinha, não e nada desse trem de roupa veia não, roupa de velho não, roupa de velho não é comigo não

*E – Mas você mudaria alguma coisa em você hoje?*

N – Silencio. Só o rosto, sei lá, o que que eu mudo, mudaria só o meu cabelo.

*E – Você queria ele como?*

N – Como? Eu queria ele maior. Eu ia aumentar ele. Sei lá o que eu ia fazer, eu queria ele maior?

*E – Você falou que queria mudar o seu rosto.*

N – Não sei, o que que eu faço, nó! (risos).

*E – Você não esta satisfeita?*

N – Eu me acho bonita e na mesma hora eu me acho feia.

*E – O que te faz se achar bonita?*

N – (Silencio)...deixa eu ver, só a minha cintura mesmo que eu acho bonita, mais nada, e barriga.

*E – Quando geralmente você se acha feia, é o que?*

N – Silêncio novamente. Para véi! (fala para Leandro que chega e a abraça), ah sei lá, ocê pode me explicar?

*E – Você mudaria alguma coisa que você acha feio em você?*

N – Ah meu fi, não gosto da minha bunda, não gosto dos meus peitos, ele ta perguntando eu to respondendo (risos), mas e sério mesmo, ta saindo da minha cabeça, não gosto da minha bunda não gosto dos meus peitos (risos).

N – Nem bunda eu tenho, nem peito.

*E – Pra quem você se arruma, para quem você se mostra bonita?*

N – Pra mim mesma. Pra mim mesma.

*E – O que e necessário para ficar bonita hoje.*

N – Como assim?

*E – Hoje, por que você não se sente bonita, se arrumar para você mesma?*

N – AH... Por que eu não tenho emprego pra mim andar do jeito que eu quero, (risos) dinheiro. Emprego meu filho, dinheiro não, não trabalho, não estudo, pra mim pensar o que eu quero, o que eu quero pra minha vida. Só isso.

*E – Tem alguma coisa que as meninas fazem no grupo e tem as coisas que os meninos fazem no grupo?*

N – Como assim?

*E – Tipo assim, lavar....*

N – AH! Só eu que lavo aqui, eu lavo roupa arrumo tudo aqui, é eu.

*E – Tanto para as meninas quanto para os meninos?*

N – Eu arrumo pra todo mundo, é só eu. Para Leandro (Leandro a abraça novamente).

### **Entrevista n 3.**

Nome da adolescente: Thais

Data, horário e Local: 14/03/2007 – 12:30 da tarde – Quebrada da Itambé

Duração: 13 minutos

*Thais é uma negra, que vestia uma saia vermelha, uma mini-blusa azul, estava descalço, cabelos curtos crespos amarrado atrás e com uma “buchinha de tiner nas mãos. A entrevista foi realizada na quebrada da Itambé, que recebeu este nome porque ela fica ao lado da fábrica da Itambé. Quando eu cheguei no local, os três estavam deitados sobre alguns colchões debaixo de uma marquise. Me apresentei e falei que eu era do Miguilim. Duas meninas me reconheceram, fiz a entrevista com uma só e combinei com a segunda que faria quando acabasse de conversar com a primeira. O “clima” estava bem tranquilo e na quebrada só haviam três pessoas, as duas adolescentes e um maior. No meio da entrevista chegou outro adolescente que além de estar sobre o efeito de drogas, o grupo falou que ele era “meio doido”. Este ficou muito agitado por eu estar ali, ele não me conheceu e principalmente entrevistando aquela, que segundo ele, era sua mulher. O clima começou a “esquentar e neste dia não consegui realizar as duas entrevista, combinando de retornar depois para entrevistar a segunda adolescente.*

### **Sobre a vida nos grupos:**

*E – Qual é a maior dificuldade?*

T – Silêncio.... Sei lá, eu não tenho dificuldade aqui na rua não.

*E – Para conseguir as suas coisas, comida...*

T – Eu vou no restaurante da minha tia, às vezes, o meu namorado vai ali e arruma um dinheiro, traz para mim, aí eu compro um negócio para mim comer.

*E – Você pertence a algum grupo na rua?*

T – Que grupo?

*E – Grupo, um monte de gente que fica junto.*

T – Só o do Miguilim!

*E – Mas o grupo que você está falando do miguilim, é que vocês vão todo mundo para lá, volta, dorme todo mundo no mesmo lugar?*

T – Eu ficava lá em baixo, debaixo do viaduto, aí, depois que eu briguei lá em baixo, aí eu peguei e vim cá pra Itambé.

*E – Você pertencia ao grupo de lá e agora está no grupo de cá, e o grupo daqui é você, a Thais..*

T – Eu, a Thais, aquele menino ali (aponta para um adulto que estava no local).

*E – E tem alguém que comanda este grupo?*

T – Ah, não sei.

*E – Tem um líder no grupo?*

T – Como assim?

*E – Aquele que manda, aquele que tá na frente sempre.*

T – Só se for meu primo (aponta para o mesmo adulto de antes).

*E – Seu o quê?*

T – Meu primo, aquele de cabelo amarelo (aponta para o mesmo adulto de antes).

*E – O que ele faz para comandar este grupo, por que é ele o líder?*

T – Porque tem vez que eu e a minha irmã discute, aí ele vai lá e manda a gente parar, e aí nós não pára, aí ele pega a gente pelo braço, e nós....

*Neste momento chega um jovem de aproximadamente 15 anos, muito drogado e muito agitado, acompanhado pelo maior (líder do grupo) que tinha ido pedir cigarro. Ele fica ainda mais agitado quando me vê conversando com a Thais. De longe ele já vem gritando.*

T – Ih... Deixa pra lá.

E – O que é legal nele?

T – Ah ele... sei lá.

Jovem agitado: O Zé, O Zé

E – Eu não conheço ele não, qual é o nome dele?(pergunto sobre o que chega gritando)

T - Qual?

E - Este que está aí.

T - Este bicho feio ali, esse trem horroroso.

Jovem agitado: Eu te conheço Zé, o que que cê tá conversando com a minha mulher aí.

Grita a outra Thais: “Não mexe com ele não” – dizendo para o jovem não mexer comigo.

T – Não sou sua mulher não, dá licença

Jovem agitado: *Te conheço Zé o que que cê tá rindo pra mim ai com esses dentes para fora. Heim Zé tira a mão de mim (neste momento o adulto segura ele pelo braço e o leva ate o local onde estava com a outra adolescente).*

E – é esse o seu namorado?

T – NÃO. Deus que me livre, se fosse esse trem eu jogava ele dentro do rio arruda.

E – O que o louro faz para comandar este grupo? Por que é ele o líder?

T – Nada. Ele faz a gente... Porque ele é o mais velho do que a gente. A minha irmã tem 16 anos, eu tenho 14, aquele bicho feio tem 16 também, e ele tem 21 anos.

E – E o que é legal nele?

T – Ah, tem vez que ele brinca com a gente, a gente comprou uma bola e a gente fica brincando aqui, é pela ordem fi.

T– Vem aqui menino que eu vou te dar uma pedrada aqui (pega uma pedra grande e segura) – fala com o jovem que chegou agitado e que veio em nossa direção.

E – Ele trata as meninas igual ou diferente dos meninos?

T – Ah, não sei.

Jovem agitado – De onde esse cara é?

E – Do Miguilim, deixa eu só terminar de conversar com ela aqui depois converso com você.

Jovem agitado – Não, eu não quero saber de você conversando com a minha mulher não. O que ta pegando aí? - bate com uma faca em uma porta próxima de nós. Quem é esse cara aí veio?

E – Do Miguilim.

Jovem agitado – Eu não te conheço ocê de lá?

E –Eu, Sérgio, a Simone que bateu com o carro.

Jovem agitado – Ah pára sô. Eu vou furar você aqui. Bate com a faca novamente na porta.

T - Por que você não fura eu então. Dá licença sô, some daqui. Some daqui caceta.

Jovem agitado. – Então manda ele embora daqui então.

**Adulto – O menor! O menor! Vem pra cá, pára moço.**

T - Sai daqui sô, eu vou te dar uma pedrada aqui.

Jovem agitado – de onde esse cara é então?

E - Deixa eu só terminar aqui que já ta terminando.

T - Pode ficar tio ele não vai fazer nada não.

E – Ele trata as meninas iguais aos meninos? – Repito a pergunta que foi interrompida pelo jovem agitado.

T– Não.

E – No grupo é todos por todos ou cada um por si?

T – É cada um por si, fi.

E – E tem alguma lei dentro desse grupo?

T – Silêncio.

E – Não tem lei nenhuma?

T – Silêncio.  
E – *E você, já pensou em liderar algum grupo?*  
T – Eu não!  
E – *Por que?*  
T – Silêncio longo.

### **Sobre a imagem corporal:**

E - *Você se acha bonita?*  
T – Eu me acho linda fi. (silêncio) ... ainda mais a minha cor.  
E – *O que é ser bonita?*  
T – Ah, sei lá!  
E – *O que é preciso fazer para ficar ainda mais bonita? Repito a pergunta.*  
Jovem agitado – Vão sô, vão (bate com a faca na porta querendo que eu vá embora)  
T – AH! Ah, sei lá. Cala a boca menino, cala a boca (fala para o jovem agitado).  
E – *Tem que fazer alguma coisa para ficar mais bonita?*  
T – Ah, não sei, quando eu quero ficar bonita eu compro “canecalom” e ponho.  
E – *Você mudaria alguma coisa em você?*  
T – Não.  
E – *Nada?*  
T – balança a cabeça dizendo que não.  
E – *E o que você não mudaria em você?*  
T – O que eu não mudaria? O que eu não mudaria ni mim? De num ser mulher fi, de virar sapatona, Nossa Senhora! (risos)  
E – *Você gosta de ser mulher?*  
T – Nó, eu adoro ser mulher.  
E – *Você já se sentiu feia?*  
T – Ah, eu já, uma vez só fi.  
E - *O que te fez se sentir feia.*  
T - Sei lá teve um dia que eu olhei no espelho assim e falei assim...  
E - *Lá vem ele.*  
Jovem agitado - Não ta escutando não?  
E - *Já to indo, já estou acabando.*  
Jovem agitado - Então vai então.  
*Entrevistador e entrevistada riem da situação*  
E – *O que te fez sentir feia?*  
T – Teve um dia que eu olhei assim no espelho e o meu cabelo estava todo amarelo, aí eu falei assim: “ nó, que cabelo de fogo. Eu sou feia pra caralho fi ”. A minha mãe falou assim: “se você não se achar bonita ninguém vai te achar você bonita?”  
Jovem agitado – Vão desgraça.  
E – *Já to indo.*  
E – *E para quem você se arruma se mostra bonita?*  
T – Só para o meu pai, meu irmão só. Quando eu vou sair assim, que o meu pai leva a gente para o parque.  
E - *E o seu namorado?*  
T - Eu já larguei daquela peste ali faz muito tempo.  
E – *E os meninos de rua são bonitos?*  
T – AH... a maioria é.  
E - *Já to indo.*  
Jovem agitado - Então vai então sô.

### **Entrevista n 4.**

Nome da adolescente: Paty

Data, horário e Local: 16/03/2007 – 11:30 da manhã – Abrigo feminino Vila Eunice

Duração: 16 minutos

*Liguei no dia anterior para saber se a Paty poderia ser entrevistada. Consegui falar com ela e marcamos para o dia seguinte neste horário. Quando cheguei no abrigo a adolescente já me aguardava. Paty vestia uma calça jeans, de pés descalços e com uma blusa de uniforme escolar, estava com os cabelos penteados, maquiada, pronta para ir para a escola. É uma moça muito bonita, cabelos lisos longo, pele clara, lindo sorriso, afastando qualquer suspeita de que já tenha vivido nas ruas.*

### **Sobre a vida nos grupos:**

*E – Como que é a mulher na rua, é preciso ter muita coragem?*

P – Mulher na rua, ah! Eu tive muita coragem meu filho, eu tive porque eu consegui ficar na rua um bom tempo, mesmo ameaçada na rua, eu fiquei, eu tive coragem.

*E – E dificuldade?*

P – Dificuldade na rua, nó (risos), dificuldades, assim eu acho que se eu convivesse na rua sozinha eu não ia conseguir não, porque eu não sei fazer pedir igual eles pedia, tinha vergonha, quando passava alguém eu até abaixava o paninho de tiner, eu ficava com essa vergonha. Até hoje eu fico, eu acho que eu não sirvo para conviver na rua não.

*E – Você pertencia a um grupo na rua né.*

P – Balança a cabeça que sim.

*E – Você falou aí Cristiano Machado, que você ficava com as meninas lá. Tinha alguém que liderava aquele grupo? Que você achava que liderava aquele grupo?*

P – Que eu achava? Eu achava, o Lu, o Luis Paulo, só que ele ta preso.

*E – E por que ele liderava o grupo?*

P – Ah, porque, tipo assim, os meninos, ele não era o tipo de menino muito covarde entendeu, ele não era covarde, então todo mundo gostava dele e respeitava. E não precisava dele matar, dele bater, para ninguém respeitar ele não, eles não ameaçava ele, tudo funcionava. Numa parte assim, tem outros, igual o Gui que morreu ele achava que tava mandando mas ele batia, fazia covardia com os outros, ela doidona ele pegou ela de couro (mostra para Letícia que esta por perto). Agora eu acho que o Lu, assim O Lu ta preso, mas eu acho que ele não volta para a rua não fi.

*E – O que era mais legal no Luiz Paulo?*

P – No Luiz Paulo. Tudo nele era legal. Tudo! Teve um dia que ele brigou comigo porque ele achou que eu tava ficando com a Ariadna, só que eu nem fiquei com a Ariadna não sabe, só que ele achou que eu tinha ficado com ela, queria pegar eu de couro, pegou a Ariadna de couro, aí ele ficou com raiva de mim, mas nós dois ainda conversa, nós dois conversa pra caramba, tudo nele é bom, legal.

*E – E, ele tratava as meninas e os meninos igual?*

P – As meninas, não. As meninas ele não tratava igual aos meninos não. As meninas ele tinha, como que fala, as meninas tinha mais proteção dos meninos, por que os meninos não deixava ninguém encostar a mão, comprava briga, principalmente ele entendeu, ele não comprava a briga de todas, mas comprava a da mulher dele, entendeu, mas mesmo assim, se precisasse, ele comprava briga da gente.

*E – No grupo era todos por todos ou cada um por si?*

P – No grupo. Ah! Tinha uns que não gostava assim, de juntar com as pessoas não, entendeu, o neguim mesmo, ele gostava de ficar mais sozinho, com essa aqui (aponta para a Letícia que continua próxima de nós), eu acho que é cada um por si, eu acho, só as meninas assim, que eles ajudavam porque é mulher, eu acho que é cada um por si.

*E – E tinha alguma lei dentro do grupo?*

P – O que?

*E – Tinha alguma lei no grupo? Alguma coisa que, sabe?*

P – Tem, a própria pessoa assim que ta dentro... ..pessoas do grupo mesmo pilantrava, entendeu...  
Então lá não rolava pilantragem não.  
E – *Já pensou em liderar algum grupo?*  
P – Como assim?  
P – *Liderar algum grupo, igual o Luis Paulo era?*  
P – Não.  
E – *Por que não?*  
P – Ah! (silêncio) eu não, assim, eu não gosto disso não, ah assim, comigo não rola isso não. Não pensei não.

### **Sobre a imagem corporal:**

E – *Você se acha bonita?*  
P – Acho  
E – *O que é ser bonita?*  
P – (risos), Ah! Ser bonita? Eu acho eu bonita, numas partes eu acho eu linda, numas partes eu acho ..., ser bonita não é só ser bonita por fora e tem que ser bonita por dentro. Numas partes eu sou bonita por dentro e por fora também.  
E – *E o que é preciso fazer para ficar mais bonita?*  
P – (silêncio). Ficar mais bonita? Ah, a gente ser humilde, compreender mais as pessoas, entendeu? Não é só brigar, xingar, desprezar as pessoas, entendeu? Igual tem muito, isso acontece muito em abrigo, porque eu acho que em abrigo, nós todas somos iguais, então tem muita gente que despreza as pessoas.  
E – *Você mudaria alguma coisa em você? Hoje se você pudesse?*  
P – Mudaria.  
E – *O que?*  
P – Eu acho que ninguém deveria viver em abrigo não. Nem só para mim, mas mudaria para todas que vivem em abrigo, assim, se eu pudesse, nó, cada uma ia ter uma casa (risos).  
E – *E fisicamente, você mudaria alguma coisa? Corporalmente?*  
P – Fisicamente? Ah! Não sei (risos)  
E – *E o que você não mudaria em você?*  
P – Meu jeito de ser, de agir, conversar, pensar o que eu penso sempre, entendeu? Tudo.  
E – *Você já se sentiu feia?*  
P – Já. (risos)  
E – *O que te fez sentir feia?*  
P – As drogas, quando eu ficava na rua eu me ficava feia pra caramba, magrinha, nó ficava ridícula, eu já me senti feia.  
E – *E para quem você se arruma?*  
P – Nó. (risos) pra quem que eu me arrumo? Para mim mesma. A gente tem que ser asseadas, entendeu, mulher tem que ser asseada, me arrumo para mim mesma.

### **Entrevista n 5.**

Nome da adolescente: Adna

Data, horário e Local: 23/03/2007 – 09:45 da manhã – AMAS – Associação Municipal de Assistência Social.

Duração: 19 minutos

*Liguei no dia anterior para combinar com a Adna se esta podia me dar sua entrevista na AMAS antes de entrar para o grupo de tratamento antidrogas do qual participa. Esta, que no dia anterior, não compareceu ao Miguilim (Projeto social), conforme tinha combinado comigo, aceitou ser entrevistada e pediu que eu chegasse as 09:45h antes do grupo começar. Cheguei no local e a encontrei com algumas colegas do abrigo e alguns rapazes que eu não conhecia. Entramos na*

*parte interna do prédio e sentamos distante do grupo, num local bem reservado. Adna vestia uma bermuda jeans e uma blusinha rosa, estava de boné e óculos escuros sobre o boné. Estava bem arrumadinha como sempre, mesmo nos períodos que ficava na rua, sempre cuidou muito da sua higiene pessoal.*

### **Sobre a vida nos grupos:**

*E – Quando você veio para a rua, você ficava mais sozinha ou mais em grupo?*

A – Eu ficava mais em grupo.

*E – Em qual grupo você ficava?*

A – Lá da Cristiano Machado.

*E – Tinha algum líder na Cristiano Machado (nome de uma avenida), alguém que liderava o grupo?*

A – Não, não tinha não, mas só que eles falavam que era o Luis Paulo, porque todo mundo tinha medo dele e tal, mas só que lá não tinha ninguém que comandava não, porque lá era um por todos e todos por um, não tinha esse, “ah, eu sou o patrão e coisa e tal”, mas todo mundo lá falava que era o Luis Paulo, que o Luis Paulo era folgado e tudo, mas para mim não tinha líder nenhum não.

*E – E o que o Luis Paulo fazia para que todo mundo achasse que ele era o líder?*

A – Porque ele era muito folgado, todo mundo mandava ele fazer as coisas, é..., Ele mandava os outros fazer a coisas e os outros iam lá que nem um cachorrinho e faziam, e todo mundo tinha medo dele porque ele falava que brigava demais e todo mundo tinha um certo medo, dele pegar, machucar e fazer alguma coisa, um certo medo só.

*E – Mas você já viu o Luis Paulo fazendo isso com alguém que desobedecia ele?*

A – Já. Já vi.

*E – O que era legal nele?*

A – O que era legal no Luis Paulo? (silêncio) Ah, que ele era amigo e tal, ele sabia trocar altas idéias com a gente, ele conversava com a gente, mas para mim eu não via nada de legal nele, para mim tudo nele era ruim, no meu modo de pensar pra mim ele era muito ignorante, queria cismar com uma coisa que ele não era, queria ser o tal, que faz e acontece, tipo queria comandar todo mundo, mandar em todo mundo, numa coisa que ele não tinha esse poder de mandar em ninguém, ele não tem poder nem para mandar nem nele, não tem cabeça pra mandar nele, para mim, tudo nele para mim era ruim, para mim ele tinha que mudar tudo, tudo, tudo nele.

*E – Ele tratava as meninas iguala os meninos?*

A – (breve silêncio) Não. (breve silêncio) Não tratava, os meninos ele era, sei lá, mais folgado e tal, a única menina que ele tratava diferente lá era só eu, que ele me batia e tudo, mas as outras meninas ele tratava normal como se ele tivesse tratando qualquer pessoa da família dele, como se tivesse tratando a própria mãe dele, na amizade, não tinha esse negócio de briga, de confusão e desses negócio assim.

*E – E por que você ele tratava diferente se você era a namorada dele?*

A – Porque ele me tratava diferente? Ah, não sei, mas ele sempre me tratou diferente dos outros, principalmente quando ele tava assim, principalmente quando ele tava em turminha, junto com os meninos, que eu chegava perto dele assim, ele começava a me xingar e tudo, começava me xingar de tudo enquanto é nome, falava um bocado de coisa comigo e tal, para mim ele sempre me tratou diferente de todo mundo. Mas eu também tratava ele diferente, eu podia tá ali no meio de todo mundo, e tal, que para mim, ele era como qualquer pessoa que tivesse ali, eu não tratava ele melhor do que os outros não, porque para mim todo mundo tava no mesmo barco, eu não tratava ele porque eu namorava com ele, ele era o melhor não, para mim ele era igual, mas só que ele me tratava diferente, eu sentia, ele podia até não achar mas, eu sentia que a minha presença perto dele, quando ele tava perto dos meninos, não era bem para ele. Agora, quando ele tava longe dos meninos ele me tratava super bem, conversava comigo e tal, mas quando ele tava perto dos meninos eu era que nem uma cachorra para ele, que nem um cachorro mesmo, que você manda o cachorro sair, você chuta o cachorro, você bate no cachorro e o cachorro vai, tipo chorando assim, sai assim. A mesma coisa que o dono faz com o cachorro ele fazia comigo.

*E – E tinha alguma lei, alguma regra neste grupo?*

A – Lei? Não, não tinha lei não, mas, e nem regra, a única coisa que nós não aceitava era “noiado”.

*E – O que é isso?*

A – Os outros que fuma “pedra”, que usa crack. Porque a pessoa que usa crack ela chega assim, ela acaba influenciando todo mundo da quebrada a usar, a querer roubar, pra poder usar, a querer trocar coisa do corpo, tirar roupa do corpo, boné tipo assim, para poder usar. A única coisa que nós não aceitava era pessoa que fumava pedra, andar no meio de nós assim, isso aí não aceitavam mesmo não, na tinha regra e coisa e tal, só isso que ninguém aceitava na quebrada.

*E – Você já pensou em liderar algum grupo?*

A – Não. (silêncio) Não por causa de que eu acho muito paia você ter que mandar nos outros, querer ser a tal, querer se mostrar, casa um tem que ir por si fí, tem que ter uma união, isso aí tem que ter mesmo, tem que ser unido com a pessoa, mas esse negócio de líder, de poder tá ali ficar mandando a pessoa fazer tudo para você, você vai fazer isso, tipo dano regras para as pessoas, eu não queria isso não. Porque eu num, eu num, tá eu acho isso meio paia, você querer mandar na pessoa, querer crescer, querer se achar uma pessoa que você não é, isso aí é muito ruim, eu não queria isso não, para mim não.

### **Sobre a imagem corporal:**

*E – Adna você se acha bonita?*

A – Lógico (risos), a todo momento, isso aí com certeza, se eu não me achar quem vai me achar? Eu tenho que me achar, eu não me acho bonita por fora, mas por dentro eu acho, eu acho que eu tenho muitas qualidades, por fora eu posso não ter, mas por dentro eu tenho muitas qualidades.

*E – O que é ser bonita para você?*

A – Ah! Aí eu não sei te explicar não,. Aí eu não sei, eu não sei (risos), mas eu sei que eu sou, não por fora, mas por dentro sim.

*E – Você não sabe o que é ser bonita?*

A – Não? (silêncio) E o que que é?

*E – Você olha para uma pessoa e fala: “nossa que pessoa bonita” você já falou esta frase?*

A – Já.

*E – Quando você fala: “nossa que menina bonita”? O que tinha de bonito nela? Por que falou a frase?*

A – (silêncio) Por que? Por causa que eu não olho boniteza por fora não e tal, quando eu falo que a pessoa é, eu acho que a pessoa assim, eu no meu modo de pensar, eu acho a pessoa simpática, legal, mas eu não sei se é isso não.

*E – Então você acha que para você ficar mais bonita o que você tem que fazer?*

A – O que eu tinha que fazer? (silêncio breve) Ah!, eu tinha que tomar muita vergonha na cara, parar de usar drogas, é... estudar, ah isso também né, isso também conta né, na pessoa, a pessoa pode ser bonita e tal, mas para a pessoa ficar mais bonita ainda, tem certas coisas que ela faz que tem que deixar de fazer. A pessoa que usa droga ela podia ser bonita mas se ela usa drogas eu acho que ela vai se acabando aos poucos, aí eu acho que nesse ponto de vista eu tenho que parar de usar droga, esses negócio assim.

*E – Você mudaria alguma coisa em você?*

A – Se eu mudaria? Mudaria. Porque eu sou muito folgada, eu mudaria isso, deixar de ser, menos folgada, não folgada assim, de mandar nos outros e essas coisas mas eu sou muito folgada, os outros falam as coisas comigo e eu não abaixo a cabeça, eu sou muito topetuda eu devia mudar isso.

*Neste momento começamos a rir juntos*

*E – O que você não mudaria em você?*

A – O que eu não mudaria em mim? A minha humildade, isso eu não mudaria, acho que qualquer pessoa não mudaria isso não, qualquer pessoa em qualquer lugar não mudaria isso não, até para você arrumar um emprego você tem que ter humildade. A minha folgateza eu mudaria.

*E – A humildade é o que você mais gosta em você?*

A – É.

*E – Você já se sentiu feia Ariadna?*

A – Já. Quando eu me olhava no espelho assim, quando eu cheirava thiner assim, eu me olhava no espelho assim e me sentia uma pessoa acabada.

*E – Como você estava?*

A – Tava toda feia e tal, tipo quando eu pegava uma foto minha assim de antes e pegava e olhava para mim e pegava e ficava olhando pro espelho e me via toda drogada, toda feia, agora que o grupo vai para o... , me olhava toda feia assim, eu me achava ridícula, pra mim o mundo tinha acabado.

*E – Para quem você se arruma? Para quem você se produz?*

A – Para ninguém, para mim mesma fii, para mim mesma eu não me produzo para ninguém não, eu me produzo para mim mesma fii. Eu não, ficar me emperiquitando todinha pros outros, eu não, eu me arrumo pra mim mesma, pra me sentir bem, para eu me sentir uma pessoa diferente, uma pessoa bem, eu me arrumo para mim, para os outros não.

### **Entrevista n 6.**

Nome do adolescente: Rodrigo

Data, horário e Local: 16/05/2007 – 10:00 da manhã – Miguilim Cultural – Programa que atende meninos de rua em Belo Horizonte

Duração: 14 minutos

*Cheguei por volta das 08:30h no Miguilim a fim de entrevistar um menino de rua. No dia anterior liguei para os educadores para saber se eu poderia ir e se os meninos estavam indo lá para participar das atividades. Nenhum adolescente tinha chegado. Conversei um pouco com os educadores e aguardei. Por volta das 10:00h, horário em que o lanche é servido, chegou um grupo de jovens, dentre eles uma menina, a Thais (já fora entrevistada por mim), que estava com o grupo da Itambé e que agora está na Cristiano Machado. Conversei com o Rodrigo e este prontamente aceitou me ceder esta entrevista. Fomos para a sala de atendimento individual onde expliquei para ele o motivo da entrevista e o assunto que iríamos tratar.*

### **Sobre a vida nos grupos:**

*E – E você sabe como as pessoas chamam os meninos de rua?*

R – Chama de pivete.

*E – Por que vocês são chamados de pivete?*

R – Ah, só porque a gente fica sujo, a gente passa o pessoal fica escondendo as bolsas, eles estão com o dinheiro na mão, aí eles guardam o dinheiro na bolsa, só preconceito.

*E – Vocês sofrem preconceito na rua?*

R – Afirma que sim com a cabeça.

*E – Você pertence ao grupo da Cristiano Machado. Tem alguém que lidera, comanda aquele grupo lá?*

R – Não, é todo mundo mesmo, normal, não tem ninguém que manda não. Mas tinha os meninos que mandavam. Aí arrumaram uma treta com os meninos lá, matou um menino queimado, aí depois foi lá e vazou de lá aí e nós que ta lá.

*E – E quem mandava no grupo antes?*

R – Ah era uns meninos lá, o Cezinha, o Boi.

*E – E o que ele fazia para mandar no grupo?*

R – Ah eles eram muito folgados, gostava de mandar, bater nos outros, pagava tipo gatão né.

*E – E os outros que obedeciam? Tinham que obedecer por que? Senão o que acontecia?*

R – Eles batiam nele.

*E – Tinha alguma coisa que era legal nesses meninos que lideravam este grupo?*

R – (Silêncio). Balança a cabeça dizendo que não.

*E – Como era o tratamento deles com os meninos e as meninas de rua? Era o mesmo tratamento? Era diferente?*

R – Com as meninas era diferente.

*E – Como era o tratamento com as meninas?*

R – Ah, eles não batia nas meninas, conversava normal, mas os meninos não, eles gostavam de escamar os meninos.

*E – As meninas e os meninos tinham as mesmas funções no grupo ou faziam coisas diferentes, como era a divisão? Ou não tinha?*

R – Elas ficava parada né, menina, só nos mesmo, os meninos, que trabaiava, pedia, pra comprar larica, pão.

*E – E como elas faziam para se alimentar? Vocês iam lá pediam o dinheiro e elas?*

R – Nós trazia lá onde nos dormia e elas ia e comia...

*E – Mas elas faziam alguma coisa em troca para vocês?*

R – Tinha umas lá, que ficavam como os meninos lá.

*E – Ficavam como?*

R – Namorava.

*E – Ah elas ganhavam por que namoravam. E nesse grupo era todos por todos ou cada um por si?*

R – Todos por todos.

*E – Quando um tem um briga, uma treta, todo mundo entra?*

R – Todo mundo entra. Todo mundo.

*E – E tinha alguma lei no grupo, alguma ordem, norma que não pode ser quebrada?*

R – Ah, tipo assim, se vacilar a gente cobra.

*E – Cobra como?*

R – Cobra vacilo. Junta três e dá um bocado de murro. Se vacilar nós cobra.

*E – Qual vacilo não pode acontecer?*

R – Ah, deixa eu ver aqui (silêncio). Falar nome de... Xingar a mãe do menino é vacilo, deixa eu ver o que mais (silêncio), não pode atrapalhar o sono dos outros na hora que eles estiver dormindo, senão eles cobra, tem um bocado.

*E – Já foi cobrado algum vacilo em você?*

R – Já.

*E – E o que você tinha feito?*

R – Tinha vacilado, xingado a mãe do menino.

*E – Aí o que eles fizeram com você?*

R – Cobraram. Agora eu não vacilo mais não.

*E – Você já pensou em lidera algum grupo?*

R – Eu? Não.

*E – Nunca pensou?*

R – (silêncio)

*E – Por que?*

R – Porque não. Os que lidera é os que morre cedo, os que pagam de xerifão é os que apanha mais, os folgados, entendeu. Os folgados é que apanham, eles gostam de tirar os outros, acham que os outros é esparro deles, que eles podem fazer qualquer coisa, aí os meninos vai lá e cobra, acha que eles estão pagando muito de xerifão.

### **Sobre a imagem corporal:**

*E – Você se acha bonito?*

R – Não entendi.

*E – Você se acha bonito?*

R – Eu acho eu bonito (risos).

*E – Por que você se acha bonito?*

R – Ah porque eu sou (mais risos).

*E – O que é ser bonito?*

R – (longo silêncio) bonito? (longo silêncio). Uma menina bonita pra mim é uma menina, se ela tiver uma boa saúde, esse negócio, entendeu? Aí sim. Mas tem menina aí na rua que é cheia de AIDS, esses negócio, um bocado de negócio, menina que não gosta nem de tomar banho.

*E – E o que você mudaria em você se pudesse?*

R – Faria uma cirurgia na minha perna.

*E – Na sua perna? Por que?*

R – Porque a minha perna é queimada (mostra uma enorme queimadura que cobre quase toda a sua coxa esquerda).

*E – Ah, a sua perna é queimada. E essa queimadura veio de quê?*

R – De ônibus, fui atropelado pelo ônibus.

*E – Ah, você já foi atropelado por um ônibus. E o que mais te incomoda nessa queimadura?*

R – Ah tem vez que coça, abre machucado, esses negócio. Tem vez que dói pra caramba, ainda mais nessa época de frio aí, dá uma dor.

*E – Mas você usa só bermuda grande igual esta (aponta para a bermuda que ele está usando) ou usa short também?*

R – Uso só bermuda grande que tampa.

*E – E o que você não mudaria em você?*

R – (silêncio longo). O que eu não mudaria? (silêncio longo). Não mudaria? Minha aparência, minha aparência de ser.

*E – Você gosta do seu jeito de ser?*

R – Gosto.

*E – É isso que você mais gosta em você?*

R – Balança a cabeça dizendo que sim.

*E – Você já se sentiu feio alguma vez?*

R – Balança a cabeça dizendo que sim.

*E – Com muita frequência?*

R – Balança a cabeça dizendo que sim.

*E – O que te faz se sentir feio?*

R – Ah, quando passa alguma menina, as meninas ficam olhando assim, nó, eu fico com a maior vergonha, na rua, todo sujo, as meninas passa e fica olhando nó, aquele dali deve é o maior mendigo. Aí assim eu me sinto feio, todo sujo, as meninas só ficam....parece que a gente está cagado.

*E – Você se arruma quando acorda ou quando vai sair?*

R – Lavo o rosto, o pé quando ta muito sujo, a mão.

*E – Camisa, vocês olham?*

R – Olha, mas essa aqui, eu só tenho essa daqui, só.

*E – Você se preocupa com isso? Você se arruma para quem?*

R – Pra ninguém não, mas é para eu ficar na rua, não ficar sujo para os outros não ficar olhando muito pra você.

*E – Se os meninos de rua fossem mais limpos você acha que eles circulariam com mais tranquilidade?*

R – Os homens pula toda hora na gente, só vê a gente sujo assim. Ontem nós tomou dois pulão dos homens.

*E – E você acha as meninas de rua bonitas?*

R – Tem umas. Tem umas que é bonita, mas tem umas que é feia.

*E – E as que são feia, são feia por que?*

R – Ah, tem umas que tem cabelo debaixo do sobaco, nó, não gosta de tomar banho, fica com aquele negócio fedendo, ah um mocado. Não troca de roupas, nem sabe o que é pentear o cabelo. Levanta e o cabelo está todo para cima.

*E – E o que você acha que os programas sociais iguais ao Miguilim poderiam ajudar para vocês se sentirem melhor, igual você fala, o que eles poderiam fazer?*

R – Ah, ele deviam mesmo era construir mais abrigo, pra todo mundo ficar em abrigo, não ficar na rua, todo mundo ficar limpinho. Tem poucos abrigos e os abrigos estão todos lotados.

*Terminei a entrevista agradecendo ao adolescente e este foi lanchar.*